

**Universidade Federal de Pelotas
Centro de Artes
Curso de Dança Licenciatura**



**DANÇAS CIRCULARES E O SAGRADO FEMININO:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL**

Franciele Serpa Costa

Pelotas - RS

2018

FRANCIELE SERPA COSTA

**DANÇAS CIRCULARES E O SAGRADO FEMININO:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Artes da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciatura em Dança

Orientadora: Prof. Esp. Jaciara Jorge

Pelotas, 2018.

FRANCIELE SERPA COSTA

**DANÇAS CIRCULARES E O SAGRADO FEMININO:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 28 de maio de 2018.

Banca Examinadora:

Professora Especialista Jaciara Jorge (Orientadora)

Prof.^a Dra. Eleonora Campos da Motta Santos

Prof.^a Dra. Carmem Anita Hoffmann



Dedico à todas as mulheres, em especial
as que dançam para receber a força da
grande MÃe!

Agradecimentos

- Amada Mãe Terra, agradeço por toda vida que geraste, por oferecer tudo que necessitamos, por todo encanto que provem da tua beleza. Te agradeço minha amada Mãe, pois depois de tantos ciclos, percebo na simplicidade a beleza da vida. Quero poder sempre te exaltar, te agradecer e te agradar.
- Sou grata a Deusa Ártemis que me rege e protege. Gratidão por me tornar prática diante dos obstáculos, por me ensinar a amar e respeitar os animais e a natureza. Seguirei os teus caminhos mais aventureiros e serei sempre grata por me ensinar a administrar a minha vida sem me submeter a nenhum poder que não seja o da natureza.
- Agradeço as mulheres que abraçam minhas reflexões e minhas ideologias como Bertha Lutz, que teve participação direta na igualdade de direitos políticos, sendo uma das organizadoras do movimento sufragista no Brasil. Laudelina de Campos Melo que fundou o primeiro sindicato de trabalhadoras domesticas. Sou grata a professora indígena Linda Terena, por trabalhar arduamente contra o machismo dentro dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul. Ainda neste campo, gostaria de agradecer duas artistas com as quais me identifico, Frida Kahlo e Camille Claudel, que mesmo sendo diferentes uma da outra, tiveram suas vidas marcadas pela intensidade, dor e êxtase. Finalizando esse momento, minha gratidão às escritoras Simone de Beauvoir e Chimamanda pelos ensinamentos teóricos que alimentam e me tornam mulher.
- À Professora Doutora Aline Accorsi e as colegas Alana Ribeiro e Maicon Rosa por me presentearem com o conhecimento e a luta por igualdade. Gratidão por estar perto de vocês nesse momento. Vocês inspiram!

- Sou grata a todas as mulheres que circularam na minha vida, em especial as que me ajudaram a me tornar mulher. Representando todas hoje eu agradeço a Angelina, Beatriz, Cristiane, Jaisara, a querida Santa Terezinha e a minha companheira Eliane Eckert. Sou grata por cada dança, cada círculo sagrado, cada reflexão e cada abraço durante o tempo que passamos juntas no Projeto de Extensão Quilombo das Artes.
- Gratidão ao curso de Dança Licenciatura desta universidade e a toda equipe docente que com carinho me amparam oferecendo todo suporte que necessito. Sem me alongar deixo minha gratidão eterna as minhas colegas Débora, Denise, Jaqueline, Karina, Maiara, Rejanete, Thomas e Thuane.
- E como agradecer a mulher que mesmo sabendo as dificuldades emocionais, temporais e bloqueios que enfrentaríamos, topou me orientar? A minha orientadora Master, agradeço, não só pelas correções e o suporte técnico, mas por toda sensibilidade de entender cada momento desse trabalho. Tu conseguiste me fazer não desistir! Gratidão eterna Jaci!
- Às duas mulheres da minha vida, que formam o tripé mais seguro e solido. Mãe e Maninha, sou grata por conseguirem acreditar em mim sem que eu sentisse pressão ou julgamento, todas as vezes que desisti. Gratidão!
- Por fim, gostaria de agradecer a razão do meu levantar, do meu trabalhar e do meu sorrir. Aos meus filhotes entrego e agradeço tudo que faço, vocês não irão ler esse trabalho, mas fazem parte dele na totalidade como fazem em tudo que circula em minha vida. Obrigada por esse amor incondicional que transforma e renova minha energia diariamente. Gratidão por tanta cumplicidade e companheirismo. Vocês são a minha vida!

"Houve um tempo, em que todas as mulheres eram sagradas. Em que eram vistas como Deusas, como senhoras de seu próprio destino. Houve um tempo, em que o corpo era sagrado, em que o sexo era uma prece. Em que homens e mulheres respeitavam-se e reverenciavam-se. Houve um tempo em que a mulher era feiticeira, faceira, tecelã, curandeira, parteira.

A mulher banhava-se na natureza, perfumava-se com jasmim. Andava de pés descalços, corria pela mata. Usava compridas saias, rodadas, coloridas, leves. Dançava para ela, dançava para a vida, dançava para seduzir, dançava para fertilizar. Sua voz era como o canto da mais bela ave. Sua beleza era fascinante, encantadora. Era aos poetas a inspiração e aos músicos, canção. A mulher era rendeira, cozinheira, mãe, sagrada, admirada. De joias e pedrarias era adornada e, da natureza, sua maquiagem retirava.

*Onde está esta mulher?
Em que fase da história ou período ela perdeu-se?
Onde devemos procurá-la?"*

Pandora de Lys

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	23
Figura 2	25
Figura 3	27
Figura 4	29
Figura 5	31
Figura 6	35
Figura 7	40
Figura 8	42
Figura 9	59
Figura 10	60
Figura 11	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	46
Gráfico 2	52
Gráfico 3	53
Gráfico 4	55
Gráfico 5	56
Gráfico 6	57
Gráfico 7	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	47
Tabela 2	49
Tabela 3	50
Tabela 4	52
Tabela 5	54

RESUMO

Este trabalho pretende compreender as noções de sagrado, sagrado feminino e sua relação com a dança, dando especial enfoque às danças circulares, especificando, a partir dos conceitos presentes, em pesquisa bibliográfica multidisciplinar, o contexto destas relações ao longo da história da humanidade, permitindo assim uma análise reflexiva sobre o tema. Busca-se aqui entender a prática de dança, não como elemento estético, mas como forma de expressar-se e conectar-se com o mundo, tecendo considerações sobre ancestralidade, sacralidade e espiritualidade, retomando, assim, questões relativas a origem desta manifestação artística. Baseando-nos em entrevistas realizadas com focalizadoras e participantes de grupos de mulheres que vivenciam esta prática no Rio Grande do Sul, nosso intuito foi verificar as possibilidades de vivenciar as Danças Circulares como um elemento de conexão e descoberta do sentido de sagrado, considerando as especificidades de gênero, a partir de uma abordagem sócio-cultural, feminista e inclusiva.

Palavras-chave: Danças Circulares, Feminino, Sagrado.

ABSTRACT

This work intends to understand the notions of sacred, sacred feminine and its relation with dance, giving special focus to circular dances, specifying, from the present concepts, in multidisciplinary bibliographical research, the context of these relations throughout the history of humanity, allowing reflective analysis on the subject. The aim here is to understand dance practice, not as an aesthetic element, but as a way of expressing oneself and connecting with the world, making considerations about ancestry, sacredness and spirituality, thus taking up questions regarding the origin of this artistic manifestation. Based on interviews with focusers and participants of women's groups that experience this practice in Rio Grande do Sul, our intention was to verify the possibilities of experiencing Circular Dances as an element of connection and discovery of the sense of sacred, considering the specifics from a sociocultural, feminist and inclusive approach.

Key-words: Circular Dances, Female, Sacred.

SUMÁRIO

<u>SUMÁRIO</u>	xiii
<u>APRESENTAÇÃO</u>	12
<u>INTRODUÇÃO</u>	14
<u>1. A NOÇÃO DE SAGRADO</u>	20
<u>1.1 O SAGRADO FEMININO</u>	26
<u>2. A DANÇA NA BUSCA DO SAGRADO FEMININO</u>	33
<u>2.1 (RE)EXISTÊNCIA - O FEMINISMO NO INTERIOR DO SAGRADO</u>	36
<u>3. AS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS</u>	39
<u>4. IMPORTANDO VIVENCIAS SAGRADAS</u>	45
<u>4.1 FOCALIZANDO AS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS NA CIDADE DE PELOTAS/RS</u>	58
<u>4.2 AS DANÇANTES SAGRADAS NA RODA</u>	61
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	63
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	65
<u>APÊNDICE</u>	69
<u>ANEXOS</u>	72

APRESENTAÇÃO

*“Todos estamos matriculados na escola
da vida, onde o mestre é o tempo”.*

Cora Coralina

Tempo esse em que por vários momentos eu achei que tinha perdido, e que o tempo já tinha passado, já era tarde para retomar. Mas, ao pensar nessa apresentação eu percebi que o tempo é agora. E aqui estou!

O curso de Dança surgiu para mim em uma tarde quente como essa que estou escrevendo, a decisão de prestar o vestibular foi um tanto impulsiva e bastante sem cabimento, pois eu não era da área. O curso que na época era Dança-Teatro Licenciatura, trouxe seres de luz para minha vida. Os colegas e professores tinham uma sede de criação, uma alegria e um jeito de lutar que impressionava e conquistava.

Até o momento da primeira “apresentação”, na disciplina de Ação e Movimento, ministrada pela Professora Alexandra Dias, eu não tinha ideia do que eu estava fazendo. Eu não ficava à vontade, era muito insegura e eu só pensava em sair dali. Foi quando, no momento de apresentar a minha partitura corporal, a Martha Grill, uma lindeza de colega, sorriu brilhando e eu tomei conta da situação e me situei.

Mesmo assim, diante de tanta novidade eu não encontrava o meu dançar. Assim como outras colegas eu me questionava: qual é a minha Dança? Pois eu não me sentia instigada nem pelo balé e nem pela Dança Contemporânea, por exemplo. Definitivamente eu não estava me encontrando, até o momento em que a Professora Moira Albornoz Stein trouxe as Danças Circulares para fazer parte das aulas. Foi o momento em que eu me senti parte da dança, conectada com a dança.

Mais adiante redescobri a pedagogia e me apaixonei pela área da educação não formal. Os projetos de extensão motivaram cada dia que permaneci nesse curso, em especial o Projeto Quilombo das Artes. Esse projeto tornou-me um ser melhor, ensinou-me a construir o conhecimento junto à comunidade.

Ainda mais profundo era o grupo Comunidade em Pé de Paz, parte do Projeto de Extensão Quilombo das Artes, recebia mulheres da comunidade, muitas em vulnerabilidade social e com históricos de violência doméstica de todas as esferas. Eram momentos de muita reflexão, muita luta e muita Dança.

Nesses encontros foi possível reviver as Danças Circulares e hoje percebo que de alguma forma o Sagrado Feminino fazia parte das reflexões, pois tratávamos de um resgate muito íntimo, trabalhávamos na busca de um autoconhecimento onde sempre eram valorizadas as vivências e realidades das participantes. Nosso Sagrado Feminino tratava da força da mulher, do empoderamento e do combate à violência. Dessa forma, conseguia sentir-me pertencente ao curso de Dança.

Após o longo período em que estive afastada do curso, essas eram as lembranças mais fortes e as histórias que eu mais gostava de contar. Tornei-me mulher a partir dessas vivências e construí uma relação de amor com esse trabalho. Então nesse retorno e, como motivação temática para essa pesquisa, aprofundei meus estudos sobre o Sagrado Feminino e as Danças Circulares Sagradas.

Apresentar a minha trajetória até esse momento pode ser, por alguns instantes dolorido. Então, se por ventura for suprimido algum detalhe, por favor, não me leve a mal.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende refletir sobre as noções de sagrado, sagrado feminino e suas relações com a dança, dando especial enfoque às danças circulares, para compreender, a partir dos conceitos presentes em uma pesquisa bibliográfica multidisciplinar, o conceito destas relações ao longo da história da humanidade. Dessa forma, pretendemos permitir uma análise e compreensão mais aprofundada, bem como, tornar o assunto deste trabalho interessante e acessível, não somente para os profissionais de dança, mas para um público que se interessa pelas variadas possibilidades de interação entre áreas do conhecimento humano.

A escolha por desenvolver este tema surgiu com o profundo interesse pela dança enquanto possibilidade de conexão com uma “realidade” que, apesar de fazer-se presente em nosso corpo, músculos, sangue e ossos, é, para além de toda e qualquer materialidade possível, uma soma de energias individuais e coletivas na criação de espaços socioculturais, que ousamos chamar (e entender) como devocionais. Perceber a dança como elemento de conexão interior e o corpo como “lugar” sagrado.

É possível perceber o quanto os círculos (grupos) que trabalham com o Sagrado Feminino, possibilitam a construção de espaços com essa perspectiva, entendendo essa conexão “devocional” como um momento e um sentimento de gratidão, um sentir interno e coletivo de fortalecimento e reconhecimento do poder ancestral feminino.

Para elucidar a escrita destas linhas, buscamos a escritora renomada Elizabeth Gilbert, que em seu best-seller autobiográfico *Comer, rezar e amar*, iniciou sua caminhada e seus discursos mais voltados ao feminino, trabalhando a autoestima e coragem. No vídeo¹ *Alimentando a Criatividade*, a escritora afirma que, as profissões que exigem esforço criativo, são, de forma geral, ofícios que, principalmente na sociedade contemporânea, tem que ser continuamente

¹ GILBERT, Elizabeth. Alimentando a criatividade. 20/01/2017. **Youtube**, fev. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/elizabeth_gilbert_on_genius?language=pt-br> Acesso em 21/02/2018.

justificadas perante amigos, familiares e desconhecidos, por serem, entre outros fatores, estes profissionais, enquanto grupo, considerados mais suscetíveis a transtornos psíquicos, desestabilidade financeira e emocional, com inúmeros exemplos destas “características” ao longo da história da arte.

A seguir, a autora passa a discorrer que, foi apenas a partir do Renascimento, que o artista passou a tornar-se o único responsável pela “inspiração criativa”, outrora entendida como algo que vinha “de fora” deste, de fontes desconhecidas, deusas, deuses e/ ou *daemons*².

Gilbert (2009), afirma-nos que, apesar de não podermos desconsiderar séculos de educação humanista, o fato de responsabilizarmos, enquanto sociedade, este ou aquele indivíduo por ser o gênio, e não por conter ou fazer uso das inspirações que advinham deste ser, contribuiu e contribui para inflar egos e destruir muitas mentes criativas e brilhantes.

Complementando as afirmações da escritora, Lucas Becker³ (Lalan Deva-Nome espiritual), em palestra ministrada em maio deste ano de 2018 no curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, descreve o conceito de “dom” como uma aptidão natural do ser humano em realizar algo ou aprender algo novo, e a “inspiração divina” como resposta a nossa intuição, sendo a capacidade de agrupar uma gama enorme de conhecimentos teóricos e práticos. Fundamentado na filosofia espiritual do Tantra Yoga, o Professor e inspirador que é formado pela Organização Sócio Espiritual Ananda Marga, aborda em suas aulas e palestras esses conceitos bem fundamentados.

Seguindo nessa linha de pensamento, em um dos minutos mais emocionantes do vídeo mencionado, Elizabeth Gilbert conta-nos da época, em que um dançarino ou dançarina, apesar de fazer absolutamente tudo igual ao que fez

² Segundo Gilbert (2009), *Daemon* seria um tipo de ser parecido com o que entendemos como gênios. A “ideia” e o conceito sobre estes seres, surgiu na antiguidade grega e, ao longo da História, surgiram diversas outras descrições para estas entidades da natureza humana, como a Loucura, a Ira, a Tristeza, entre outros. Seu temperamento é ligado ao elemento natural ou vontade divina que o origina, não sendo considerados nem “bons” nem “maus”, sujeitando-se às circunstâncias do relacionamento que estabelece com aquele ou aquilo que influencia.

³ Lucas Becker é um dos idealizadores do Atmam e do projeto Yogue-se, em Pelotas. Ele é instrutor de Meditação, Yoga e AcroYoga. Já realizou palestras em universidades e cursos como Biopsicologia do Yoga, entre outros. Becker, que foi formado na Organização Ananda Marga, teve como sua professora a Monja Didi Sushiila, que desenvolve um trabalho com o Sagrado Feminino.

durantes dias, meses e anos de sua vida artística, excedia-se e, sem nenhuma explicação aparente, parecia fazer brilhar em si, refletindo para um público extasiado, alguma espécie de luz divina ou sobrenatural, durante uma apresentação específica.

Este momento, em que todos que trabalham e/ou trabalharam com criação conhecem ou vislumbraram em algum grau, era entendido exatamente como a manifestação deste “divino”, dando origem aos gritos de “Alá”, em reconhecimento à presença da força que excedia ao artista e o transbordava, exclamação que, mais tarde, se transformou nos gritos de “Olé”, que ainda escutamos nos jogos de futebol e na Dança Flamenca espanhola. Este exemplo mostra apenas um meio, entre tantos outros possíveis, pelos quais a humanidade podia construir e perceber a revelação do que se entendia por sagrado.

É possível compreender, a partir do Livro *O Sagrado e o Profano* (1992) de Mircea Eliade, que ao longo da história, principalmente na sociedade ocidental, onde as religiões judaico-cristãs tornaram os espaços dos templos construídos por mãos humanas como as atmosferas “preferenciais” para tais “manifestações”; é preciso que levemos em consideração que, também existem fora destes espaços de religiões “tradicionais”, uma infinidade de técnicas, que são, propriamente falando, técnicas de construção do espaço sagrado.

Estes fatos nos remetem às origens de diversos cultos e rituais sagrados, nos mais diversos locais e tempos, que antecedem e/ou caminham junto à cultura judaico-cristã, e que explicitam um tênue limite entre a fé e a teatralização. Percebendo que existem muitas religiões, veiculadas com as necessidades atuais, que poderiam merecer destaque, a medida em que abordam a fé e o discurso de sagrado na forma de “espetáculo”, é compreensível que estas reforcem a ideia de que há um lugar físico e fixo onde é possível perceber as manifestações do sagrado acontecerem.

Como apresentaremos mais detalhadamente no decorrer deste trabalho, o texto: *O Impacto do Feminismo sobre o estudo das religiões*, de Maria José, nos faz entender que, para grande parte das religiões ocidentais “tradicionais”, foi a rejeição do corpo, principalmente do corpo feminino, como possível fonte de conexão com o

sagrado, bem como a concentração da liderança de cultos e celebrações em mãos masculinas, que descartaram a possibilidade de entender a dança, e mais especificamente as danças circulares e coletivas, como um dos caminhos que levariam à conexão humana com as fontes “primordiais” de inspiração, crença e êxtase.

Existe uma questão relacionada a esta pesquisa que nos intriga: Como desenvolver um círculo que considere as peculiaridades do gênero, e toda a problematização que isso envolve nos dias atuais, uma vez que as práticas vivenciadas dentro de cada círculo, que trabalha com a noção de sagrado feminino, colocam a figura da mulher, a questão da fertilidade e a ideia de uma energia ancestral feminina que vem do útero, como ponto central? O que nos interessa compreender neste estudo é se é possível desenvolver um trabalho com as Danças Circulares Sagradas, abordando a noção de Sagrado Feminino, com diferentes grupos de mulheres em um mesmo círculo, uma vez que vivemos em uma sociedade em que as questões econômicas, culturais e biológicas são muito distintas de mulher para mulher.

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho a distingue como uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo com abordagem qualitativa, construída a partir da pesquisa bibliográfica, com referências teóricas extraídas a partir de materiais presentes em artigos científicos, livros, dissertações, teses, blogs e páginas da internet, bem como através de observação participante e de entrevistas com questões estruturadas e/ ou semiestruturadas, que, com aprovação por parte do informante, nos possibilitaram tecer as considerações do último capítulo deste estudo. Como recorte nesta pesquisa, foram elencadas as focalizadoras do estado do Rio Grande do Sul e as dançantes da cidade de Pelotas-RS. Com uma pesquisa no site dançacircular.com.br (onde consta um cadastro nacional de focalizadores), foi possível encontrar o contato de e-mail de todos focalizadores do estado. Porém, deste universo de aproximadamente 30 focalizadores, somente 8 responderam à pesquisa. As dançantes da cidade de Pelotas foram escolhidas, por intermédio da focalizadora que atua na cidade, como grupo focal para desenvolvimento deste estudo.

Dessa forma, num primeiro momento, pretendemos elucidar as questões que envolvem a ideia de criação do espaço sagrado e o conceito de sacralidade, através da consulta e análise de fontes bibliográficas diversas, tendo como aporte teórico principal o livro *O Sagrado e o Profano* (1992) de Mircea Eliade.

A partir daí, passamos a desvelar e apresentar o que vem sendo conhecida como uma espécie de busca “ancestral” e a posterior renovação, por parte de mulheres em diversas partes do mundo, da noção de sagrado, através de leituras, cursos, ferramentas e vivências diversas, alcançando assim novas formas de experimentar habilidades e dons que foram esquecidos e soterrados por camadas de crenças e limitações patriarcais, principalmente através das chamadas Teologias Feministas.⁴

No segundo capítulo deste trabalho mostraremos a Dança enquanto símbolo e o dançar enquanto uma função estruturante de nossa psique, principalmente no que tange à busca e “(re)construção” de uma ideia particular e coletiva de Sagrado Feminino, um dos focos desta pesquisa, enfatizando as danças circulares e como estas se apresentam, ao longo da história, como possibilidade de conexão coletiva.

Buscamos, através de Paul Bourcier, em *História da Dança no Ocidente* (2001), resgatar os registros das Danças Circulares como primeira manifestação desta linguagem artística e, como ferramenta teórica nesse campo, recorremos a Ana Barton, que discorre sobre as Danças Circulares Sagradas, tendo esses autores como as principais referenciais neste trabalho no âmbito da Dança.

Após isso, baseando-nos em entrevistas⁵ com questões estruturadas e/ou semiestruturadas, realizadas com focalizadoras⁶ de Danças Circulares e participantes de grupos de mulheres que vivenciam a prática das danças circulares

⁴Teologia Feminista é parte de uma revolução cultural que ainda está em seus primeiros passos, pois trata-se de um movimento de teólogas que buscam reconsiderar as escrituras e práticas das religiões a partir de uma perspectiva feminista, incluindo assim o aumento das mulheres no clero e provocando uma reinterpretação da linguagem machista a respeito de Deus.

⁵ Anexos

⁶ As Danças Circulares são conduzidas ou focalizadas por uma pessoa chamada de focalizador/a, geralmente alguém que estudou ou adquiriu alguma formação em um grupo de convívio regular ou ainda em cursos livres ou profissionais sobre essa prática, abordada como parte da história da dança e das artes. O papel de focalizador/a é o de ajudar as pessoas a interagir, a conviver em grupo, a vivenciar as danças numa roda ou círculo.

em conexão com o conceito de sagrado feminino, analisamos as possibilidades de vivenciar esta prática como um elemento de conexão interior e descoberta do sentido de sagrado, dentro de uma perspectiva sociocultural, que considere as especificidades de gênero, a partir de uma abordagem feminista e inclusiva, e que possa lembrar-nos de nossa união sagrada com a inteireza do ser.

Tecemos, ainda, algumas considerações sobre a mulher (que historicamente foi associada às forças da natureza, teve seu celibato instituído por diversas instituições religiosas passando a ser considerada uma “agente de satã”, sendo seu corpo e, por conseguinte, qualquer manifestação de suposta sensualidade, incluindo aí a dança, julgadas culpadas por desviar os homens da salvação de suas almas), direcionando, neste estudo, o nosso olhar para novos discursos, novas ferramentas e novos conhecimentos na busca por nossas verdades.

É, principalmente para nós mulheres que, por séculos, fomos impossibilitadas de mantermo-nos longe de julgamentos morais, sociais e, muitas vezes, impossibilitadas de conectarmo-nos umas com as outras e diante do sagrado, que valem as palavras de André Parente (2017), em entrevista dada por ocasião da exposição *Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome*:

[...] A liberdade é uma dura conquista: conquista da matéria que resiste sempre, conquista de técnicas que mudam sem parar, conquista dos nossos pares para o que fazemos, conquista do sistema ou da rede do qual participamos, e assim por diante. A própria frase da Clarice, “liberdade é pouco o que eu desejo ainda não tem nome” já deixa isso claro. É como se ela tivesse dizendo: a liberdade é sempre relativa, mas o desejo de absoluto – para o qual não tenho nome – é, essa sim, a mais pura liberdade. (PARENTE in TEMPO, entrevista, on-line)

Objetiva-se, com este trabalho, compreender o processo histórico das Danças Circulares na relação com o conceito de Sagrado e refletir sobre a presença do Sagrado Feminino dentro das Danças Circulares que encontramos hoje. Partimos de uma perspectiva feminista, pois percebemos que este resgate ancestral está intimamente ligado às lutas femininas. Também é possível notar que, mesmo vivendo em uma realidade histórico-social de dominação majoritariamente masculina em diversos âmbitos, a presença das mulheres são maioria nessas práticas.

Para abordar tais questões, amparamo-nos, também, nas ideias que a autora Marcia Tiburi traz no livro *Feminismo em comum* (2018), onde defende a importância que o feminismo tem na transformação ética, política e social. É importante realizar uma análise desses contextos, que permitem uma retomada da Dança enquanto ato sagrado, compreendendo que as possíveis ligações entre as Danças Circulares Sagradas, as relações de gênero e as questões femininas são imprescindíveis para o desenvolvimento desse estudo.

1. A NOÇÃO DE SAGRADO

Proveniente do termo latino *sacrum*, que se referia aos deuses ou coisas que estavam ou mantinham-se sobre os poderes das divindades, era concebida como sagrada, em especial e originalmente, as áreas em torno de um templo devocional, tornando-se o conceito de sagrado, mais comumente posto e entendido como algo ou alguém que merece veneração ou respeito religioso, tornando-se assim, por estarem associadas com a noção de divindade ou com seres e objetos considerados do âmbito do divino.

O sagrado também pode estar relacionado com a noção de santidade. Na maioria das culturas considera-se a santidade como um estado em que indivíduos são associados com o divino, e por este motivo, despertam respeito, devoção, temor ou reverência entre pessoas que compartilham de um conjunto de ideias e/ ou dogmas espirituais. Objetos, locais ou conjunto de obras também podem ser incluídas dentro deste contexto.

As compreensões acima circulam a partir da análise dos textos de Eliade (1992), e Vilella (2006). De forma geral, sagrado é toda e qualquer abstração ou verdade material ao qual se atribui a capacidade de, através de uma ou mais forças espirituais, ou por ter estado em contato com estas, interferir ou comandar os acontecimentos naturais, bem como por serem capazes de realizar o que estaria para além da capacidade humana.

Segundo Eliade (1992), em 1917, o livro de Rudolf Otto, *Das Heilige*, adotou uma perspectiva original, quando, ao invés “de estudar as ideias de Deus e de religião” (ELIADE, 1992, p. 11), o autor aplicou-se “na análise das modalidades da experiência religiosa” (ELIADE, 1992, p. 11), esclarecendo o conteúdo e caráter específico desta experiência.

Na citada obra, Rudolf Otto esclareceu que, para o crente, não contava especificamente o lado racional e/ou especulativo das religiões, que poderiam ser importantes para um sacerdote ou representante desta ou daquela crença, nem tampouco importava primordialmente a noção filosófica contida nas ideias que a embasavam, e sim o lado irracional, onde o sagrado não era apenas uma noção abstrata ou uma simples alegoria moral, e sim, puro, simples, e, muitas vezes aterrador, poder divino manifesto.

ELIADE (1992), afirma-nos ainda que:

Na obra *Das Heilige*, Rudolf Otto esforça-se por clarificar o caráter específico dessa experiência terrífica e irracional. Descobre o sentimento de pavor diante do sagrado, diante desse *mysterium tremendum*, dessa majestas que exala uma superioridade esmagadora de poder; encontra o temor religioso diante do *mysterium fascinans*, em que se expande a perfeita plenitude do ser. R. Otto designa todas essas experiências como numinosas (do latim *numen*, “deus”) porque elas são provocadas pela revelação de um aspecto do poder divino. O numinoso singulariza-se como qualquer coisa de ganz andere, radical e totalmente diferente: não se assemelha a nada de humano ou cósmico; em relação ao ganz andere, o homem tem o sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento de “não ser mais do que uma criatura”, ou seja –segundo os termos com que Abraão se dirigiu ao Senhor –, de não ser “senão cinza e pó” (Gênesis, 18: 27). O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o ganz andere: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural. (ELIADE, 1992, p. 12)

Se, ao longo do tempo, surgiram as leis “divinas”, que foram e são utilizadas pelos homens, em alguns casos, também nas suas leis terrenas, para mediar e normatizar o contato do homem com o sagrado e a experiência metafísica, elas

surgem exatamente porque o ser humano é, historicamente, um ser aberto à transcendência, mesmo ao (e talvez por causa do fato de) sentir medo.

A existência humana, de forma geral, realiza-se nas relações de sentido que as pessoas estabelecem ao longo da vida. A transcendência destes sentidos, a necessidade de entender o que, afinal de contas, estamos a realizar antes da morte, único fim que sabemos indiscutível a todos os seres, acompanha a humanidade desde seus primórdios, e nos movimenta em busca desta transcendência. E foi este movimento de busca pela transcendência, feito por milhares e milhares de pessoas, que possibilitou que nos tornássemos seres em desenvolvimento, passando também a desenvolver a humanidade da qual fazemos parte.

No entanto, para além da perspectiva filosófica, a busca pela transcendência, que pode se tornar em uma oportunidade de construção de uma humanidade realizada, também incorre no risco de alienação e corrupção do humano.

Para Vilella (2006), que, assim como nós neste trabalho, tenta analisar a obra de Eliade (1992), entre outros autores, ao tentar estabelecer o sentido de sagrado, numa perspectiva para além das religiões institucionalizadas:

Os autores estudados admitem todos um processo de aclaramento quanto ao significado do sagrado na vivência dos homens. Falam mesmo em uma pré-religião (Otto, 1992, p. 162 e seguintes), em que o sentimento do numinoso aparece em forma embrionária, obscura; é uma força que se mostra violência arrebatadora, que só provoca arrepios de medo. É o sentimento de criatura, o sentimento de ser nada perante aquele que é. Só mais tarde aparece o sentimento de admiração. O sentimento de Filiação surge, apenas com o Cristianismo, pelo menos em uma expressão plenamente explícita: Porquanto não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no terror, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual chamamos: Aba! Pai! (ROM 8,15). (VILELLA, 2006, p. 10)

Esse temor diante do inenarrável, ao qual Vilella se refere é, entre outros fatores, o que transformou ao longo do tempo, através da fundação de instituições, as diversas religiões, em maneiras de intermediar a relação humana com um sagrado ao qual devia-se temor, a exemplo do catolicismo, do hinduísmo, do judaísmo, entre tantas outras. No entanto, para além dos exemplos citados, a religião não é caracterizada apenas pela existência de um templo ou instituições hierarquizadas, sendo comum à grande maioria destas, uma narrativa a respeito da

origem do Universo e também da humanidade, e que em alguns casos, como citaremos no capítulo que se segue, não é baseada (apenas) no temor.

Essa ou aquela narrativa se tornam sagradas, no momento em que suas explicações, não se baseiam, em parte ou no seu todo, na racionalidade, e sim na fé comum a um grupo de indivíduos. Dessa forma, são narrativas religiosas tanto os escritos bíblicos para um padre católico quanto o conjunto de mitos e tradições que povoam e explicam poeticamente a origem do universo para um grupo de indígenas brasileiros (FIGURA 1), por exemplo.

Figura 1: O Toré, dança ritual, uma das principais tradições dos índios do Nordeste brasileiro.



Fonte: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 2 mar 2018.

São, entretanto, em ambos os casos, os ritos presentes nestas religiões e conjunto de crenças que acabam por constituir uma das principais maneiras de ligação entre os seres humanos e as divindades e assim, com sagrado. Tais ritos podem ser e/ou representar agradecimentos, súplicas de perdão, pedidos diante dos deuses e deusas, de forma geral objetivando atingir um determinado fim através da repetição.

Se, como vimos anteriormente, a noção de sagrado é algo que desperta a reverência à uma entidade, objeto ou lugar, bem como, que se realiza através dos ritos e rituais, desde a época da pré-história, é notório que o homem já considerava alguns seres como dotados de uma força superior à deles, tornando assim, a fé e a busca pela transcendência, uma característica que não se restringe apenas às religiões institucionalizadas, hierarquizadas ou ocidentais que temos conhecimento e acesso na contemporaneidade. No entanto, para explicar as diferenças entre formas diversas de acessar o divino e o sagrado, podemos dividir as religiões e crenças em dois tipos: as de manifestação e as de revelação.

Nas religiões de manifestação pode-se ver o deus, deusa ou entidade e é essa visualização a possibilidade de conhecer-se uma realidade para além do mundo físico. Já nas religiões de revelação este conhecimento só é possível a partir da realidade do homem no mundo, através de lei divina pelas quais à divindade leva ao conhecimento dos fiéis as suas vontades, através de intermediários, ou diretamente e individualmente.

Se a verdade divina pode, neste caso das religiões de revelações, ocorrer quando o deus se manifesta por intermediários e estes têm que escrever seus “ensinamentos” (FIGURA 2), ou quando a manifestação é direta e os que a recebem passam-nos de forma oral, já que os deuses se encontram separados do mundo terreno, para algumas religiões, as divindades também estão presentes no mundo terreno, aqui e agora, através das forças da natureza ou em cada ser, de uma forma ou de outra.

Figura 2: O Alcorão, texto sagrado do Islã, considerado como as revelações de Alá (Deus) a Maomé.



Fonte: < <https://historiadomundo.uol.com.br/arabe/alcorao.htm> >. Acesso em: 2 mar 2018.

Em todos estes casos, são através dos rituais, que acontecem a grande maioria dos momentos de “comunicação” do humano com os deuses e deusas, todas elas permeadas de simbolismos e tabus, os quais, muitas vezes, responsáveis pelo temor e reverência dos seus seguidores em relação ao sagrado.

Para Chauí (2000):

Na maioria das culturas, a religião se apresenta como sistema explicativo geral, oferecendo causas e efeitos, relações entre seres, valores morais e também sustentação ao poder político. Nela se efetiva uma visão de mundo única, válida para toda a sociedade e fornecendo a seus membros uma comunidade de ação e de destino. No caso da cultura ocidental, porém, a religião tornou-se apenas mais um sistema explicativo da realidade, entre outros. A ruptura com o *mythos*, efetuada pelo surgimento e desenvolvimento do *logos*, isto é, do pensamento racional, desfez o privilégio da religião como visão de mundo única. Filosofia e ciência elaboraram explicações cujos princípios são completamente diferentes dos da religião. (CHAUI, 2000, p. 395)

Se podemos entender criticamente a maioria dos sistemas religiosos tendo por finalidade dar explicações aos homens sobre o mundo em que habitam, retirar deles o medo da natureza, dar esperança da vida após a morte, ao obter o controle dos seus atos através das normas religiosas, também podemos caracterizar o sagrado, que é seu fundamento, como algo que ocorre em um tempo fora do tempo, numa reaproximação do tempo mítico, o tempo do início, onde não haveria, supostamente, motivos para temor.

Pensando assim, tempo e espaço, passam a adquirir um significado além do cotidiano e da tentativa de repressão e, se transformam em elementos que, ao propiciarem vivências transcendentais, são sacralizados através do simbólico, característica que nos transporta, e a todas as nossas experiências, para além do comum.

Esses tempos nos quais vivemos, tão multifacetados e de rápidas transformações, traz reais influências sobre a maneira como os homens e mulheres exercem sua religiosidade, seja como profissão de fé ou não. O senso religioso, cada vez menos institucionalizado, aumenta cada vez mais: algumas respostas que achávamos eficazes para aquelas questões fundamentais não chegam perto de resolverem nossos problemas e voltamos, por muitos caminhos, aos nossos deuses. Muitos desses deuses criados à nossa imagem e à nossa semelhança. Pensar a relação do ser humano com o sagrado, com a religiosidade e com a crença é tarefa

importante para compreender o lugar que ocupamos no mundo, hoje.
(FRANCISCO, 2017, on-line)

Segundo Francisco (2017), quando nos confrontamos com uma situação que nos aponta para algo mais, que transcende o comum, além da religião, entende-se que estamos diante da vivência consciente de um símbolo. No entanto, para Eliade (1992), se várias situações podem ser vistas como simbólicas, não é sempre que temos a consciência de seu significado, fazendo com que uma experiência não seja vivida em toda sua abrangência, ficando aquém de sua possibilidade.

Ao enfocarmos a vida valorizando a dimensão simbólica que lhe é inherente, ela pode tornar-se, para além dos perigos, doutrinas e regras vãs, mais plena de sentido. E é esse sentido, que buscaremos mostrar no conceito de feminino, entendendo-o como possuidor de potencial inherente para a sacralidade. Evidente, portanto, que a noção de sagrado ou sacralidade excede o contexto religioso, adquirindo, neste sentido, um significado mais amplo que o costumeiro, ou seja, de sagrado inherente ao que é religioso. O que se entende por sagrado é, portanto, qualquer acontecimento, símbolo, objeto ou atitude, que ao ser interpretado ou vivido por alguém que o entenda como sagrado. Temos, como exemplo, um ateu, que no momento do nascimento de um filho, tem aquele momento como sagrado, mesmo que não creia em Deus ou religião.

1.1 O SAGRADO FEMININO

Como vimos anteriormente, o sagrado é, de alguma forma, comumente relacionado com a noção de santidade e na maioria das culturas considera-se a santidade como um estado em que indivíduos são associados com o divino.

No entanto, se as primeiras figurações da divindade foram femininas, na maioria das religiões que tomaram e ainda tomam conta do mundo, o modelo principal foi, e continua sendo, patriarcal⁷ e portanto, relega à mulher um “papel

⁷ Uma sociedade patriarcal é entendida, para a grande maioria das feministas, como a forma que, historicamente os homens subordinam as mulheres ao manterem sua dominância em todas as esferas de poder, inclusive o religioso (COLLING, 2014).

secundário ou até uma ausência de papel, a não ser no seio do lar e sob a tutela do marido" (BORGES, 2015, on-line).

Uma prova da divinização ancestral das mulheres, são as famosas vênus paleolíticas (FIGURA 3), que segundo dados do site *Wikipédia*, são cerca de 200 imagens, descobertas em todo o mundo e batizadas em referência à deusa da beleza em Roma. Estas imagens demonstram, para a grande maioria dos historiadores, que a mulher desempenhava um papel fundamental nas sociedades pré-históricas, e podem ser um sinal que estas sociedades tanto se organizavam de forma matriarcal, como as suas divindades mais importantes eram femininas.

Figura 3: Vênus de Willendorf, encontrada em 1908 em um depósito de Loess, no vale do Danúbio, na Áustria.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuetas_de_Vênus>. Acesso em: 21 fev 2018.

Teologicamente, a justificativa para o crescente andocentrismo⁸ nos cultos de caráter religioso e sagrado, se deu, a partir de determinado momento da história, quando os detentores do *status quo*, inclusive religioso, passaram a considerar a mulher como tentadora, devendo os homens tomarem cuidado com seus subterfúgios e capacidade de sedução inerentes e "naturais". Dessa forma, foram-

⁸ É a concepção que supervaloriza o homem em detrimento (ou através da opressão) das mulheres.

Ihe retirados, pouco a pouco, tanto seus poderes rituais, quanto sua participação e condução em muitas liturgias e rituais.

Independentemente dos motivos que levaram ao silêncio e o apaziguamento feminino, este silêncio foi reiterado através dos tempos pela maioria das religiões, sistemas políticos e manuais distribuídos visando a perpetuação das “boas-moças”. Isso não quer dizer, no entanto, que as mulheres respeitaram passivamente tais injunções, mesmo dentro do âmbito do considerado sagrado.

De acordo com Rosado (2001), nos anos 90 a diversidade de teologias feministas existentes é apontada em uma obra de referência, o *Dictionary of Feminist Theologies*⁹. Neste fenomenal trabalho de pesquisa, segundo a autora mencionada:

São apresentados verbetes relativos a Teologias provenientes de diferentes partes do mundo: Ásia, Europa, África, América Latina, América do Norte, Ilhas do Pacífico (!), Sul da Ásia (!). Há ainda um verbete específico para as Teologias Feministas Judaicas. As autoras do Dicionário salientam o caráter crítico dessas Teologias, apontando, porém, para uma enorme variedade, tanto em relação às concepções políticas quanto às próprias concepções teóricas que embasam essa elaboração teológica. Entre as proposições trabalhadas por esse discurso pode-se apontar as críticas manifestadas aos conteúdos tradicionais da fé: o monoteísmo, a imagem masculina da divindade, a figura submissa e virginal de Maria (FIGURA 4); as interpretações sexistas dos textos sagrados — a Bíblia, o Talmude, o Alcorão, os escritos do Budismo. Questiona-se a existência de uma só “verdade religiosa”, contida em uma religião única, salvadora e portadora da redenção. Várias dessas teólogas partem de tais questionamentos, para propor uma transformação de seu próprio credo religioso, ou a criação de grupos novos, fundados sobre antigas crenças, recuperando figuras femininas de deusas, bruxas, assim como rituais considerados pagãos. (ROSADO, 2001, on-line)

Entende-se, no entanto, que o trabalho de interpretação histórica e de recuperação destas chamadas “teologias feministas” e recuperação de “figuras femininas de deusas” se deu ao mesmo tempo em que questionava-se a possibilidade real de mudanças favoráveis às mulheres, no campo das religiões ditas históricas, tais como o cristianismo e o islamismo, bem como propunha a

⁹ *Dictionary of feminist theologies* de Russell, Letty M; Clarkson, J. Shannon (Jeanette Shannon), publicado no ano de 1996.

“criação de espaços religiosos alternativos, onde as mulheres possam fazer emergir novas formas de relação com o sagrado” (ROSADO, 2001, on-line).

Para entendermos, pois, que esses questionamentos não vieram sem mexer com uma série de dogmas dentro das religiões ditas tradicionais, é preciso salientar que, para estas religiões, o corpo ainda é visto como uma construção simbólica, e se a dicotomia corpo versus alma possui uma problematização que começa há mais de quatro séculos antes de Cristo (PINSKY, 2001). Para alguns filósofos gregos, foi no âmbito das religiões judaico-cristãs que, na sociedade ocidental, consolidou-se esta separação, tendo a alma mantido seu privilégio sobre o corpo quando se pensava e discorria-se sobre as noções de sagrado.

Se já, entre alguns filósofos gregos, acreditava-se que o corpo estava a serviço da alma e que esta era submissa aos interesses divinos, a teologia católica, assim como a maioria das religiões monoteístas, coloca o seu deus único como potencialmente masculino e responsável por toda a criação, diferente das religiões politeístas, que, pelo menos, mantinham entre seus objetos e fontes de culto, apesar de grandes transformações e interpretações de caráter misógino ao longo do tempo, divindades femininas em seus panteões¹⁰.

Dessa forma, salientamos que foi principalmente sobre o corpo, a voz e a história das mulheres, e muitas vezes ao custo da vida de muitas destas mulheres, onde foram inscritas todas as regras, normas e tentativas de controle em quase todas as sociedades e épocas.

Entendemos que a visão não só da religião católica, mas também da religiões judaico-cristãs, partem do mito da criação, onde o homem é um modelo da humanidade e a mulher criada a partir dele e para ser sua "auxiliar". Esse mesmo modelo afirma que a mulher mentiu e enganou o homem, dessa forma levando toda a humanidade a ser castigada por seus atos. Para contrapor-se ao mito desta mulher, mentirosa, sedutora e perigosa, e que, portanto, precisaria do controle do homem, surge Maria (FIGURA 4), a mãe de Jesus, virgem e assexuada.

¹⁰ Segundo Maffesoli (1987), Panteões são o conjunto de Deuses de determinada religião.

Figura 4: “A Santíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua conceição, por graça e privilégio singulares outorgados por Deus Todo-Poderoso, em vista dos méritos de Jesus Cristo, o Salvador da raça humana, foi preservada livre de toda a mancha do pecado original”.¹¹ –



Fonte: <<https://catolicotrentino.wordpress.com/2017/09/28/impecabilidade-de-maria/>>. Acesso em: 02 mar 2018.

Por que a mulher é impura ao dar à luz ao uma vida? Por que a mulher ao dar à luz a uma menina ela ficará duas vezes mais impura? Qual a questão que envolve o sexo feminino? Pensar nestas questões é compreender que o sexo feminino é mal visto no livro mais vendido em todo o mundo. (LIMA, 2015, p. 3)

Para respondermos essas e outras questões levantadas por Lima (2015), não podemos neste estudo entender o sagrado sem partirmos de uma abordagem feminista, que, entre outras coisas, influenciou e influencia centenas de mulheres a procurar alternativas religiosas e a analisar a sua própria religiosidade através de uma perspectiva que considera e problematiza a questão de gênero, do corpo, e, por conseguinte, da sexualidade feminina ao longo do tempo.

É exatamente esta perspectiva, que nos levou à busca do que hoje é entendido como Feminino Sagrado, e que, para muitas mulheres, também foi o caminho que possibilitou o encontro com as Danças Circulares, bem como justifica a necessidade de levar para o mundo acadêmico o debate e a reflexão sobre a questão do feminino e a religiosidade de pessoas que há séculos encontram-se em constante luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

¹¹ Papa Pio IX, *Ineffabilis Deus [Deus Inefável]*, 8 de dezembro de 1854.

Figura 5 – Material digital de divulgação para o encontro do Sagrado Feminino na cidade de Pelotas. Tendo como mediadora a Monja do Tantra Yoga Didi Ananda Sushiila.



Fonte:<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2372646592753327&set=a.468721593145846.108838.100000240270794&type=3&theater>
(acesso em 11/05/2018)

Esta junção mencionada acima entre o Sagrado Feminino e as Danças Circulares, veem acontecendo em vários círculos de mulheres. É notório que as propostas são variadas e a que temos conhecimento que mais se assemelha com os interesses dessa pesquisa é o círculo que a Monja Didi Ananda Sushiila¹² propõe. Um círculo que promove experiências através da arte, sendo uma delas as Danças Circulares Sagradas. Entre os temas presentes nos círculos propostos pela Monja estão a sabedoria ancestral, medicinais do feminino, guerreiras com suas emoções e curas, entre outros.

Dessa forma, um dos pilares dentro do que atualmente entende-se por Sagrado Feminino é a busca por uma mulher livre das amarras que a condicionam, através, principalmente, das atividades criativas, possibilitando que ela manifeste e receba ferramentas para se entender como criadora de sua própria realidade e da realidade do mundo, através da dança, da pintura, da escrita bem como de ritualizações diversas.

¹² Didi Ananda Sushiila – Monja e acarya (guia espiritual de Ananda Marga, ministrou diversos cursos e treinamentos de Yoga e meditação em vários países. Focalizadora de dança circula, curandeira de florais e ervas, geradora de círculo feminino).

Ritualizar abre portas para o lúdico, para a criatividade e principalmente para a intenção de encontro com que é sagrado, com o que é divino. O ritual pode ser o fio condutor de uma experiência pra dentro que pode revelar tesouros. Mas um ritual também pode ser destrutivo quando mulheres buscam sua identidade pela comparação com as outras e não aprendem na viagem interior a encontrar a identidade própria, os valores próprios e a partir daí se mover pelo coração. Elas podem se comparar sobre a forma de como é a intuição, umas tem visões, outras, sensibilidade aguçada e as percepções do rito podem causar um sentimento de não pertencimento. Mas para além disso, elas podem ficar presas nestas formas, deslumbradas e envaidecidas com os próprios insights e não se darem conta do que realmente interessa, que é justamente como esta experiência afeta sua atuação no mundo. Podem perder a oportunidade se fazerem as seguintes perguntas: O que é feminino? O que é masculino? O que é sagrado? Quem é e como vive uma mulher sagrada? Qual mulher não é sagrada? (GAIA, 2016, on-line)

No Sagrado Feminino e nas Danças Circulares, mulheres de todas as culturas, religiões e crenças podem se desvincular de padrões e regras pré-estabelecidas pela sociedade, ao enxergarem-se como fonte e solo do sagrado, não somente através do ato de gerar, parir, nutrir, amar e intuir, características entendidas como unicamente femininas, mas também nos seus ciclos internos e externos, rebeldias, e principalmente ao manifestar o desejo de romper a passividade e a submissão que lhe foram impostas para contar sua própria história.

Ou dançá-la.

2. A DANÇA NA BUSCA DO SAGRADO FEMININO

Entre as reflexões de Vilella (2006) e Eliade (1992) percebemos que, graças ao símbolo, estamos conectados com os significados de nossas vivências de forma profunda e transformamos a energia psíquica, bem como estruturamos e desenvolvemos a nossa consciência.

Nesse sentido, e entendendo a dança neste estudo como uma manifestação do sagrado apresentaremos, nas páginas que se seguem, a dança enquanto símbolo e o dançar enquanto uma função estruturante de nossa psique, principalmente no que tange à “(re) construção” da ideia de um Sagrado Feminino, um dos nortes desta pesquisa.

Como nos aponta GUERRA (2017):

No símbolo pode haver tanto o predomínio do aspecto pessoal como do coletivo. É assim também com a dança. Ainda que seja a pessoa que execute os passos, com suas características físicas, rítmicas, de sensibilidade, entrega etc, a dança pode estar inserida num ritual que envolva todo um povo, um grupo ou comunidade. Na dança ritual, o corpo se torna território mítico, sacralizado pelo significado da vivência grupal. (GUERRA, 2017, on-line)

O conhecimento do Sagrado Feminino, conceito que apresentamos no capítulo anterior, pode ser adquirido através de formas diversas. Muitas mulheres, principalmente a partir da década de 60, o vivenciaram primeiramente através dos livros.

Segundo Benevolo (2012), numa época em que o excesso de racionalismo e mecanização da sociedade industrial pregava uma vida linear, que destinava às mulheres e homens apenas a execução de papéis previamente dispostos e consolidados do que seria masculino e feminino, muitas pessoas começaram a questionar o sentido de sua existência para além destes papéis e possibilidades. Dessa forma, já não bastava apenas reconsiderar o conhecimento, era preciso estudá-lo focando as diferenças que historicamente foram postas entre mulheres e homens ao longo da história.

Nas ciências das religiões, como mostramos anteriormente, surge a Teologia Feminista, que ao disponibilizar o conceito de Feminino Sagrado, através de religiões fora do âmbito “tradicional” ocidental, passam, a apresentar um conceito diferente das mulheres e seus corpos.

Vista por esse prisma, as manifestações artísticas e culturais de um povo ou de um grupo de pessoas, entre elas a dança, se tornaram mais que uma potencial fonte de análise, mas também base documental que demonstra as diferenças de acesso as diversas formas de manifestações de poder ao longo da história da humanidade.

Sobre esse assunto, LE GOFF (1990) ressalta que:

Junto à história política, à história econômica e social, à história cultural, nasceu uma história das *representações*. Esta assumiu formas diversas: história das concepções globais da sociedade ou história das *ideologias*; história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das *mentalidades*; história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do *imaginário*, que permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito (LE GOFF, 1990, p. 12).

No livro, *História da Dança no Ocidente*, Paul Bourcier (2001), resgata já na pré-história, a dança como parte da vida da humanidade e, como apontamos anteriormente, seria uma das formas de acesso à possíveis comunidades e povos que honravam o que poderia ser considerado como Sagrado Feminino. O resgate histórico e o registro dessas manifestações se fazem importantes para que esses elementos artísticos e culturais não se percam no tempo.

Atualmente, até mesmo as comunidades tradicionais indígenas brasileiras sofrem com o esquecimento, por inúmeros e complexos fatores, de suas próprias tradições, como mostra o documentário *As Hiper-Mulheres: Itão Kuêgü*, que conta a história de um habitante de aldeia Ipatse, do povo Kuikuro ou Kuhi Ikugu, no Alto Xingu (MT), realizado por Takumã Kuikuro, pelo antropólogo Carlos Fausto e pelo editor Leonardo Sette no ano de 2011, que, temendo a morte da esposa, pede que um sobrinho realize o Jamurikumalu, o maior ritual feminino da região, para que ela possa cantar mais uma última vez.

O documentário mostra e discute temas diversos, mostrando as relações que se estabelecem quando as mulheres da aldeia, ao começarem os ensaios para o citado ritual, se deparam com a doença da única mulher entre elas que sabia, de fato, todas as músicas que envolviam essa busca pelo sagrado.

Sobre o ritual em questão, Ribeiro (2015), nos conta que:

Jamurikumalu (frequentemente chamado também yamurikumã) é um ritual em que as mulheres de uma aldeia "tomam o poder" e afastam os homens. Durante este ritual, as mulheres assumem o controlo da situação, tratam os homens com ares de desafio, usam adornos tipicamente masculinos, empregam as armas que os homens costumam empregar, lutam entre si nas lutas tradicionais xinguanas que os homens costumam lutar e que são chamadas huka-huka, etc. (RIBEIRO, 2015, on-line)

Figura 6: Cena do documentário *As Hiper-Mulheres: Itão Kuêgü* (2011)



Fonte: < <http://www.polifoniaperiferica.com.br/2014/03/as-hiper-mulheres-documentario-retrata-ritual-indigena-feminino/> >. Acesso em: 12 fev 2018.

Na busca por fragmentos desta história ao redor do mundo, principalmente na história da arte, Bourcier (2001) considera que as pinturas rupestres do período paleolítico reproduziriam, além de imagens e visões de um agrupamento de humanos quando em transe, também a dança como uma maneira de, ao entrar em transe, estes povos conectarem-se com suas divindades.

Dessa forma, passamos a saber que, há muito tempo, diversos povos tribais realizavam suas cerimônias e busca pelo sagrado através de danças, como apontado no caso da aldeia Ipatse, do povo Kuikuro ou Kuhí Ikugu, no Alto Xingu (MT).

Mas o que seria e como se delinearia a criação de um espaço sagrado através do movimento de corpos e entoação de cantos? E, dentro deste contexto, o que seria a criação de um Sagrado Feminino? Qual a diferença entre sagrado e profano nessa perspectiva?

Finalmente, diante da colocação que, em um ritual tradicional de uma tribo indígena, composto por mulheres, estas “assumem o controle da situação” (RIBEIRO, 2015, on-line), como podemos entender as limitações do termo “mulheres”, inclusive e principalmente ao tratarmos de dança, sem reconhecer que estas diferenças são construções culturais que permeiam toda a história da humanidade?

Desta forma, a seguir trataremos de honrar o conceito de Sagrado Feminino a partir de uma abordagem feminista, buscando reconhecer em nossa ancestralidade o poder que nos foi suprimido na construção histórica de uma sociedade patriarcal.

2.1 (RE) EXISTÊNCIA - O FEMINISMO NO INTERIOR DO SAGRADO

Seguindo o entendimento que limita e restringe o tornar-se mulher, para BUTLER (2003), uma das autoras fundamentais do feminismo contemporâneo:

Mulheres é um falso e unívoco substantivo que disfarça e restringe uma experiência de gênero variada e contraditória. A unidade da categoria ‘mulheres’ não é nem pressuposta nem desejada, uma vez que fixa e restringe os próprios sujeitos que liberta e espera representar (BUTLER, 2003, p. 213)

No entanto, apesar de entender as limitações do termo “mulheres”, vamos utilizá-lo neste texto por considerar que, como aponta-me Carvalho (2015), a distinção sexo/gênero permanece útil, “embora tenha sido criticada ou desconstruída a partir do reconhecimento que tudo, inclusive o sexo, é construção cultural”.

Sobre esse fato PINSKY (2009) indica-nos que:

Gênero pode ser empregado como uma forma de afirmar os componentes culturais e sociais das identidades, dos conceitos e das relações baseadas nas percepções das diferenças sexuais. Em outras palavras, a categoria de gênero remete à ideia de que as concepções de masculino e de feminino possuem historicidade (PINSKY, 2009, p. 163).

Estas questões, têm, portanto, representado a aceitação do indivíduo em todas as esferas: cultural, política e econômica e da sua interação social - seja no trabalho, nas relações pessoais, bem como na imaginação e construção da história de um povo e de uma religião.

Enfim, neste trabalho não pretendemos negar que desejos de mulheres e homens não são "naturais", mas sim modelados diante de inúmeros fatores e contextos, do qual as religiões e crenças de uma comunidade ou povo fazem parte de forma primordial.

Para muitas pesquisadoras das ciências das religiões, bem como da história da arte, que utilizam em seus trabalhos abordagens feministas, o grau de participação das mulheres (ou a falta dela) nos espaços sociais revela o quanto uma sociedade permite a articulação de desejos, medos e vidas destas mulheres.

Também, ao questionar a separação entre as esferas públicas e privadas, e como esta diferenciação repercutiu no papel das mulheres dentro das religiões, podemos considerar que nas sociedades pós-industriais contemporâneas, diferentemente de outras sociedades e tempos, a separação entre público e privado foi relativizada. Somando ao fato o estímulo que aconteceu a partir do advento feminista, que ensinou também acerca do empoderamento individual feminino, a religião e o sagrado na forma em que se apresentam atualmente podem (apesar do crescente avanço das religiões judaico-cristãs em suas novas configurações) ser revitalizada, tanto em sociedades ocidentais como em não-ocidentais.

De acordo com ROSADO (2001):

Talvez se possa dizer que as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – a Teologia Feminista. Os efeitos da crítica feminista às religiões foram também dos mais contraditórios: do abandono de qualquer fé religiosa pelas mulheres, à criação de espaços

feministas de espiritualidade de vários tipos, expressando uma enorme criatividade e efervescência. (ROSADO, 2001, p.79)

Este trabalho não pretende discutir as questões de gênero, pois entraríamos no que ficou conhecido a partir de 1970, como categoria de análise diante de uma criação histórica antropológica. Mas sim, compreender a luta feminista, a partir de uma visão histórica e poética, entendendo sempre que Feministas são seres de luta, sendo ou não mulheres.

No entanto, se a busca pelo sagrado feminino está acontecendo em muitos grupos na busca de “honrar o feminino, a linhagem feminina ancestral, reconhecer as mulheres que a precederam fazendo as pazes e abrindo caminhos para que cada uma possa simplesmente ser” (GAIA, 2016, on-line), que feminino é este que estamos procurando, na forma de sagrado, coletivamente?

Para Marcia Tiburi, o feminismo é o contrário de solidão. No livro *Feminismo em comum* (2018), a escritora nos permite compreender o quanto estamos intimamente ligadas à nossa ancestralidade. Devemos o feminismo às nossas antepassadas, como nossas mães, avós e tias. Estudando os grupos de vivência prática, passamos a entender o quanto as Danças Circulares, que acontecem de forma coletiva, estão intimamente ligadas à luta feminista.

3. AS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS

Num contraponto à ideia de acesso ao sagrado como pertencente a poucos “escolhidos”, existem os conceitos de regeneração pelo regresso ao tempo original, tempo festivo, bem como a estrutura das festas e rituais em diversas culturas e comunidades, onde, através da dança, seus membros e participantes tornavam-se contemporâneas dos deuses e deusas (COSTEIRA, 2010).

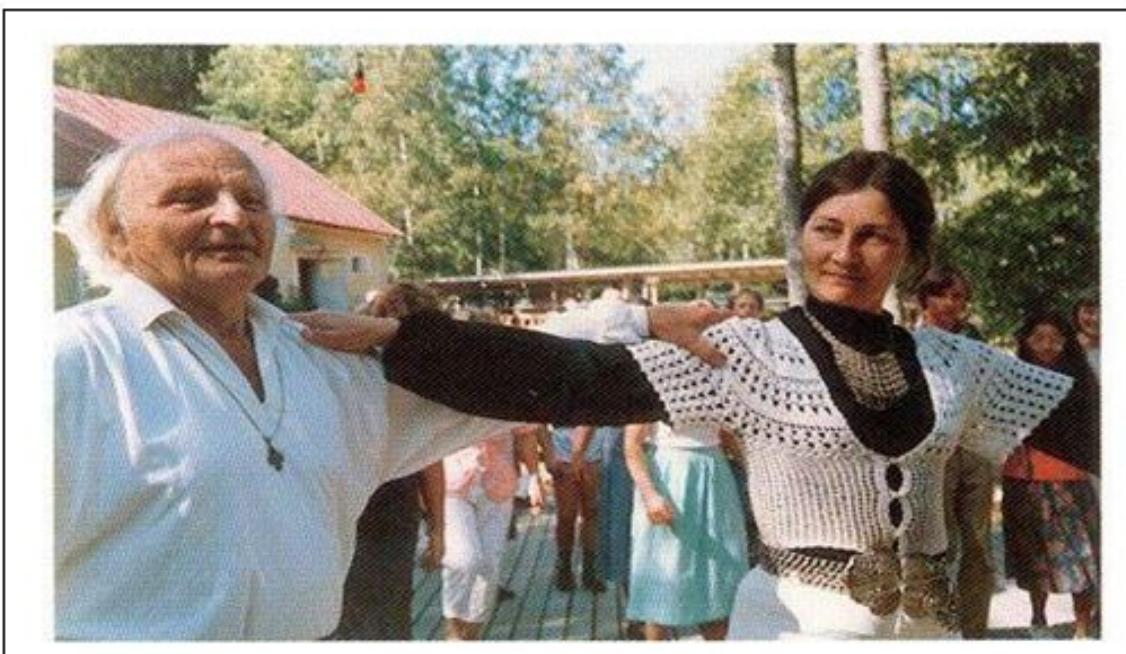
Entre estas danças, a Dança Circular Sagrada é uma prática que pode reunir ou mesclar variadas danças tradicionais e/ou folclóricas de diferentes locais do globo. Conhecidas também por Danças dos Povos, as Danças Circulares Sagradas, como já mencionado anteriormente, são abordadas como parte da história da dança e das artes, por fazerem parte das tradições culturais e religiosas de diversas comunidades, grupos sociais, em tempos históricos diversos.

Para CASTRO e COSTA (2015):

A ideia de círculo possibilita metáforas poderosas para os desejos holísticos das sociedades globalizadas e urbanas atuais, sobretudo quando, por meio de suas dimensões histórica e antropológica, serve para mediar o contato dessas sociedades com práticas culturais tradicionais, o que lhe confere prestígio e identidade. Da mesma forma, pode-se ressaltar que esse apelo holístico possui, também, uma dimensão antropológica própria, decorrente do fato de que a dança contém uma função de expressão, comunicação e produção de vínculos sociais fundamental em todas as sociedades. (CASTRO e COSTA, 2015, on-line)

No entanto, apesar das danças circulares fazerem parte da história de muitas sociedades ao longo do tempo, o que hoje entendemos e estudamos como Dança Circular Sagrada teve sua sistematização apenas no século XX, através do trabalho do bailarino, coreógrafo e pedagogo Bernhard Wosien (FIGURA 7) nascido na Alemanha em 1908.

Figura 7: Bernhard Wosien



Fonte: <<http://www.efdeportes.com/efd184/dancas-circulares-tradicionais-brasileiras.htm>>. Acesso em: 05 fev 2018.

Segundo Costeira (2010), foi a partir de pesquisas que iniciam em 1952 sobre as Danças Folclóricas e Étnicas da Europa Oriental, Wosier interessou-se em continuar viajando a outros locais do mundo em busca de conhecer ainda mais manifestações de danças tradicionais de rodas ou círculos.

Aos sessenta e oito anos, enquanto visitava o vilarejo de Findhorn na Escócia, que existia há apenas 15 anos, Bernhard Wosien foi convidado a apresentar uma coletânea das danças que havia aprendido e pesquisado ao longo destas viagens e passou, então, a denominar o conjunto de conhecimentos e metodologias de Dança Circular Sagrada, passando a ensiná-las na Fundação Findhorn - Centro Internacional de Educação Transdisciplinar, em 1962.

Para LEITE (2012):

Contagiado pela alegria e vibração das danças populares, Bernhard idealizou uma proposta de utilização para as áreas de educação e saúde. As danças, muitas das quais no seu formato tradicional não eram em círculo, foram adaptadas, para conectar profundamente as pessoas na roda. Assim nascia esse trabalho com a “Sacred Dance” – Dança Sagrada, na qual o “sagrado” diz respeito ao poder de elevação do espírito humano,

associado à prática da dança (e não a uma religião propriamente dita). (LEITE, 2012, on-line)

Até os dias de hoje a Fundação Findhorn continua promovendo, anualmente, no mês de julho, o Festival Internacional de Danças Circulares Sagradas (FIGURA 8), quando ocorrem contribuições e trocas que possibilitam o enriquecimento contínuo de seu repertório. Esse repertório atualmente, já conta com danças tradicionais, contemporâneas e folclóricas de todas as partes do mundo e são:

Desenvolvidas visando ampliar o conhecimento em direção ao bem-estar físico, mental, emocional, energético e social. Inúmeros ritmos, cantos e danças de povos e culturas do mundo são vivenciados. Em meio a momentos de muita descontração, e também momentos de introspecção, a pessoa que está na roda se percebe como um ser humano íntegro. (COSTEIRA, 2010, on-line)

Sucedendo o criador das Danças Circulares, em 1986, a sua neta, Maria-Grabriele Wosien, também se tornou pesquisadora dos mitos e das religiões do mundo, mantendo viva a tradição das Danças Circulares Sagradas através da Fundação Findhorn. A exemplo do avô, viajou pelo mundo divulgando as Danças Circulares Sagradas, tendo visitado o Brasil em diversas ocasiões.

No entanto considera-se que as Danças Circulares Sagradas chegaram por aqui antes disso, ainda na década de 80.

Segundo COSTEIRA (2010):

Através de Sara Marriot, ex-residente da Fundação Findhorn, que veio residir no Centro de Vivências de Nazaré, em Nazaré Paulista, no interior de São Paulo. Como Nazaré foi inspirada em Findhorn e mantinha muitas práticas de trabalhos e sintonia grupal, as danças circulares se encaixaram com perfeição no dia a dia de Nazaré. Neste local foi criada a Dança e Meditação, onde as danças eram compartilhadas com muita profundidade, como um caminho de auto-desenvolvimento através do movimento. (COSTEIRA, 2010, on-line)

Desde sua criação a metodologia que envolve as Danças Circulares Sagradas conta com pessoas que a conduzem, chamadas de “focalizadores” ou “focalizadoras”. Geralmente são pessoas que estudaram ou adquiriram alguma

formação, assim como nos exemplos que citamos acima, em um grupo de convívio regular, em cursos livres ou profissionais sobre a prática da modalidade, abordada como parte da história da dança e das artes. O papel deste profissional é o de ajudar as pessoas a interagir, a conviver em grupo e a vivenciar as danças numa roda ou círculo.

Entre as focalizadoras formadas dentro da própria Fundação Findhorn, estiveram no Brasil, além de Sara Marriot, que passou a residir no país, Anna Barton, primeira focalizadora de Danças Sagradas de Findhorn, ex-aluna de Bernhard Wosien, e que tal como seu mestre, passou a entregar-se apaixonadamente ao trabalho de pesquisa e divulgação do tema, tendo se tornado um dos maiores ícones desta modalidade de dança.

Sua primeira visita ao Brasil ocorreu em 1995 e, depois desta, retornou ao país em várias outras ocasiões. Para esta grande pesquisadora e dançarina:

Nas Danças Sagradas nós nos concentramos mais na experiência pessoal e na essência das danças do que na autenticidade dos passos. Não nos consideramos experts em danças folclóricas, mas sabemos que, dançando nesses círculos, podemos melhorar e enriquecer nossas vidas, física, emocional, mental e espiritualmente, irradiando essa transformação para todos aqueles com quem entramos em contato. (BARTON, 1995, p.05).

Figura 8: Um grande grupo de pessoas dança em círculo



Fonte: < <http://bvsdanca.com.br/genero/danca-circular-sagrada/> >. Acesso em: 05 fev 2018.

Já em 1998, chegou em solo brasileiro Maria Gabrielle Wosien que conduziu neste ano, assim como em suas visitas subsequentes, cursos de aprofundamento para os focalizadores brasileiros. A partir de 2003, é Friedel Kloke-Eibl quem passa a orientar os cursos de Formação de novos focalizadores em nosso território, vindo, assim como suas antecessoras, da renomada Fundação Findhorn.

Carlos Solano, outra importante personalidade para as Danças Circulares no país, é considerado o primeiro instrutor brasileiro das Danças Circulares, tendo feito o curso completo de danças circulares com a própria Anna Barton¹³. Solano teve uma formação rígida, pois sua mestra acreditava que os passos dançados corretamente provocavam um estado de conexão direta com a energia da terra. No livro *Dançando o Caminho do Sagrado*, de Anna Barton (2006), fica evidente que a mestra percebia um poder nas Danças Circulares Sagradas.

Dentro das Danças Circulares Sagradas, muitas pessoas podem ter a oportunidade de expressarem de forma positiva seus sentimentos de inadequação, bem como seus medos e angústias, adquirindo autocontrole, consciência corporal e possibilitando acessarem e desenvolverem aspectos de sua personalidade de forma prazerosa, ajustando as emoções ditas negativas de forma pessoal e coletiva (BARTON, 2006).

Sobre o termo sagrado, utilizado nesta metodologia como adjetivo de dança, RONDINELLI (2018) nos afirma que:

Tem a função de qualificá-la em função de seus objetivos: pretende ser uma dança capaz de fazer emergir o respeito ao próximo, o carinho por si e pelo outro e a melhora da autoestima, já que é dançada em grupo. Quando englobada pelo universo místico-religioso do movimento Nova Era, as danças circulares centram-se na noção de “energia”, já que se acredita que a roda, formada pelas mãos dadas dos praticantes, sejam capazes de fazer circular uma energia boa, podendo até ser curativa. (RONDINELLI, 2018, on-line).

¹³ Ana Barton é considerada uma grande mestra da Dança Circular Sagrada. Esteve em contato direto com Bernard Wosien, o iniciador desse movimento.

Já se, na Dança Circular Sagrada, o corpo se torna território mítico, sacralizado pelo significado da vivência grupal, para Vilella (2006), o sagrado também se torna:

Um processo educacional porque a sua vivência, quando adequadamente compreendida, possibilita a progressiva humanização do animal racional. Há uma verdadeira simbiose: o sagrado, de seu lado, coloca o ser humano perante o misterioso, que lhe mostra os seus limites e lhe descortina surpreendentes horizontes; a educação, por sua vez, pode ser vista como um convite ao ser humano para aproximar-se destemidamente do mistério tremendo e fascinante, para comprehendê-lo cada vez melhor, para transformar o seu significado e colocá-lo como degrau sólido e eficaz na escalada do seu próprio desenvolvimento. A educação tem a função de levar o homem a ser um Édipo que, diante do enigma da realidade opressora e/ou desafiadora, corajosamente decifra-a e atribui-lhe um significado. (VILELLA, 2006, p. 11, 12)

As Danças Circulares Sagradas são praticadas em grupos que, em círculos, seguem uma coreografia de forma que possam reunir energias em busca da criação de um espaço sagrado comum. Sendo assim, se no círculo que faz parte da base das Danças Circulares Sagradas não devem existir hierarquias nem atitudes de competição, sendo estimuladas a cooperação entre os participantes do grupo e a manifestação de sua individualidade a partir da coletividade, como se daria a busca de um conceito de Sagrado Feminino numa sociedade como a nossa, onde as mulheres continuam sendo oprimidas e colocadas na condição de subalternas nos mais variados espaços sociais?

Para tentar responder esta e outras questões é que, no capítulo que segue, analisaremos as entrevistas estruturadas e/ou semiestruturadas e questionários realizados com focalizadoras e participantes de grupos de mulheres que vivenciam a prática das Danças Circulares Sagradas. Buscamos, a partir disso, investigar as possibilidades de vivenciar esta prática como um elemento de descoberta do sentido de Sagrado Feminino, dentro de uma perspectiva sociocultural que considere as especificidades femininas neste percurso, relacionando com o processo histórico visto até aqui.

Vamos dançar?

4. IMPORTANDO VIVENCIAS SAGRADAS

Ao longo dos capítulos anteriores, procuramos investigar e trazer reflexões, análises e conceitos sobre as noções de Sagrado, Sagrado Feminino, bem como apresentou a Dança Circular Sagrada como uma prática que tem florescido em todo o mundo desde a sua compilação pelo coreógrafo Bernhard Wosien e através da Fundação Findhorn.

Esta metodologia chegou ao Brasil e é vivenciada por muitos praticantes (que aqui chamaremos dançantes) através da condução destes grupos por profissionais chamados de focalizadores, como já vimos.

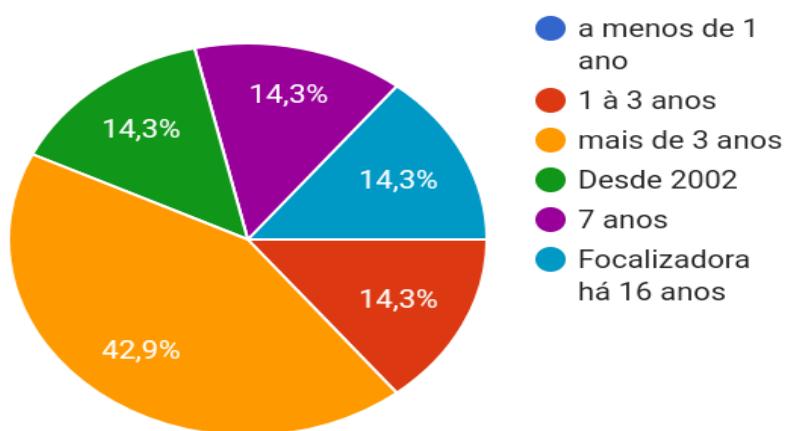
No presente capítulo, depois da experiência com a observação participante das rodas de dança e interação com seus membros, apresentaremos, através da análise das entrevistas semiestruturadas feitas com oito focalizadoras e duas dançantes, reflexões e apontamentos acerca das práticas destes grupos, principalmente no que tange a vivência e experimentação das noções de Sagrado e Sagrado Feminino.

Para descrição e análise destas questões trataremos de identificar as focalizadoras e dançantes através de numeração, para que assim possamos preservar a identidade e as respostas dos colaboradores desta pesquisa. Para uma melhor compreensão faremos o uso de tabelas e gráficos para apresentar as respostas obtidas.

Destacamos, entretanto, que nossa maior ênfase neste texto será junto às focalizadoras das Danças Circulares Sagradas, visando compreender e refletir sobre a relação do processo histórico das Danças Circulares Sagradas entendendo a presença do Sagrado Feminino neste contexto. Passaremos, assim, primeiramente à descrição e análise de nossas entrevistas com as focalizadoras, para em seguida, acrescentar o discurso de duas dançantes acerca do Sagrado Feminino, coletados através das respectivas entrevistas.

As primeiras perguntas que colocamos as focalizadoras com os quais dialogamos diziam respeito ao tempo que ensinavam as Danças Circulares Sagradas.

Gráfico 1: Entrevistas – Há quanto tempo és focalizador(a) de Danças Circulares Sagradas?



Neste gráfico é possível perceber que entre as oito focalizadoras do Estado do Rio Grande do Sul, que responderam o questionário, são 42,9% que declararam trabalhar com as Danças Circulares Sagradas a mais de três anos e apenas 14,3% das focalizadoras entre um e três anos. Destacando-se em relação ao tempo a Focalizadora 2 que desenvolve seu trabalho desde 2002.

Na tabela a seguir foi questionado o significado das Danças Circulares para cada Focalizadora. Esta pergunta foi inspirada na leitura do Capítulo *Minha visão pessoal sobre a Dança Sagrada* de Anan Barton, no livro *Danças Circulares: Dançando o Caminho Sagrado* (2006) e curiosamente as respostas das entrevistadas se assemelham muito com o depoimento da escritora.

Tabela 1: Entrevistas - O que significa as Danças Circulares para ti?	
Focalizadora 1	Uma conexão com a minha alegria, com meu corpo, com o meu ser e com os demais participantes da roda.
Focalizadora 2	A dança pra mim é um modo de vida, sinto falta quando não danço. É a minha forma de estar e me relacionar com o mundo e as pessoas. E a minha conexão com o sagrado, não só uma meditação, uma oração corporal!
Focalizadora 3	Conexão, inclusão e afeto
Focalizadora 4	Significa um resgate importante de povos que utilizavam a dança de roda como prática de desenvolvimento pessoal e coletivo.
Focalizadora 5	Meditação em movimento
Focalizadora 6	Uma forma de oração
Focalizadora 7	Representa um caminho de busca para a totalidade. Onde através do estar junto no círculo é possível construir relações muito mais solidárias num espaço onde o erro é possível e acolhido. Onde podemos encontrar nas mais variadas danças dos povos pontos de conexão que resgatam nossa humanidade e nossa conexão com a natureza. Portanto dançar em círculo é acessar a intereza através do centro que existe dentro e fora de nós.
Focalizadora 8	É a magia de corpos conectados fisicamente pelas mãos, mas energeticamente pela entrega de cada um ao círculo sagrado; que se move segundo uma música e seguindo uma coreografia onde meu corpo e minha alma andam juntos. E assim vivencio ser a minha essência divina parte desta unidade. Meu ego cede espaço para o coletivo, que se conecta com a fonte criadora do universo e o centro da mãe terra, e também na busca do auto-conhecimento. E então, me sinto plena. É viajar pelas diversas culturas com seus sons e passos diferentes e poder sentir a força da ancestralidade presente. Também é discutir, amorosamente, temas e padrões de comportamento sem julgamento. É acolhida !!!!

A experiência com as Danças Circulares Sagradas parece ser entendida principalmente como uma forma de “conexão”, termo utilizado diversas vezes ao longo das entrevistas e que valida a ideia recorrente sobre as danças circulares como referencial de interação e busca com o Divino através da coletividade e criação do espaço sagrado pela mesma.

Percebe-se que metade das Focalizadoras entrevistadas, ou seja, quatro de oito, usam a palavra ou o conceito de conectar-se consigo e com os outros presentes como foco principal do desenvolvimento da prática das Danças Circulares.

Corroborando assim com o conceito central das Danças Circulares Sagradas, tendo como foco principal as conexões, na simplicidade da explanação da

Focalizadora 3, que relata a experiência da Dança como “conexão, inclusão e afeto”, também se relata a conexão nas palavras da Focalizadora 1, que remete a uma conexão mais pessoal, “uma conexão com a minha alegria, com meu corpo, com o meu ser e com os demais participantes da roda. ”

Já para a Focalizadora 7, nos aponta para um sentido mais amplo dessa conexão, “um caminho de busca para a totalidade, onde através do estar junto no círculo é possível construir relações muito mais solidárias num espaço onde o erro é possível e acolhido e “onde podemos encontrar nas mais variadas danças dos povos pontos de conexão que resgatam nossa humanidade e nossa conexão com a natureza. Portanto dançar em círculo é acessar a inteireza através do centro que existe dentro e fora de nós. ”

Finalmente, tornando a ideia de conexão uma ponte com o sagrado, a Focalizadora 2, além do termo, nos aponta a possibilidade de meditação e um modo de viver a sua espiritualidade com as Danças Circulares ao afirmar que: “A dança para mim é um modo de vida, sinto falta quando não danço. É a minha forma de estar e me relacionar com o mundo e as pessoas. E a minha conexão com o sagrado, não só uma meditação, uma oração corporal! ”.

Essa ideia de vivenciar a espiritualidade através da Dança Circular é validada por mais de duas focalizadoras quando nos afirmam que a prática é tanto “meditação em movimento” como “uma forma de oração”. O que reforça a Focalizadora 3, quando cita a dança como “um resgate importante de povos que utilizavam a dança de roda como prática de desenvolvimento pessoal e coletivo”. Percebe-se também, que no conceito de conexão, há uma amplitude de entendimento, ora essa conexão é mais pessoal e íntima, ora a conexão extrapola as fronteiras do eu e permite-se expandir para o outro e para o universo.

Sobre a experiência das focalizadoras e suas práticas na Dança Circular Sagrada, seguem as respostas do que foi questionado na terceira pergunta da entrevista.

Tabela 2: Entrevistas – Descreve como acontece tuas práticas
--

Focalizadora 1	Sou coordenadora de um projeto de extensão na universidade que desde 2016 abre vagas para educadores de todos os níveis e demais pessoas da comunidade. Atualmente as inscrições são semestrais e os encontros são semanais, com uma hora e meia de duração. Nesses encontros dançamos aproximadamente 7 coreografias de danças circulares, procurando abranger danças tradicionais, danças coreografadas, danças de pares, danças infantis e danças de entrada. A cada semestre são dançadas 25 coreografias previamente selecionadas. A cada encontro temos também o momento das cartas, no qual cada participante escolhe uma carta de um conjunto de cartas, fala o nome e a carta que lhe coube, além de comentar o que gostaria de compartilhar com o grupo.
Focalizadora 2	Eu dou aulas regulares, tenho 3 turmas e também cursos, oficinas e bailes. As vezes sou convidada para trabalhos mais específicos, como Feiras Medievais, onde levo danças mais temáticas e tb eventos. Procuro participar de cursos e encontros pois gosto de estudar e pensar a dança além da prática. Também tenho o costume de dançar em casa para estudar. E leo bastante sobre as Danças Circulares e tudo que acho que possa se relacionar, neurociência, saúde, cultura, etc.
Focalizadora 3	Através de aulas regulares, oficinas e festivais de danças circulares
Focalizadora 4	Minhas práticas acontecem regularmente, como focalizador de grupos semanais, como convidado para Festivais de Danças Circulares que ocorrem pelo Brasil e workshops que promovo ou como focalizador contratado/convidado. Além disso participo de inúmeros workshops como professores nacionais e internacionais. Em 2017 estive em 7 países do leste europeu (Bulgária, Bósnia & Herzegovina, Sérvia, Croácia, Montenegro, Albânia e Macedônia) para vivenciar a cultura e dançar na fonte. Na Macedônia participei do World Camp Europe 217 onde aprendi novas danças da Grécia, Turquia, Macedônia e Bulgária..
Focalizadora 5	Dou aulas regulares e cursos em Porto Alegre
Focalizadora 6	Abrimos a roda com uma dança simples, para acalmar, abençoar o ambiente e nos conectar às outras. Depois cada aula consiste em danças adequadas ao público, o que me obriga a eventualmente não conseguir seguir o cronograma pré-estabelecido. Fazemos um intervalo de 10 minutos pois algumas pessoas são bastante idosas (mais de 80 anos) seguimos com outras danças e fechamos a roda agradecendo.
Focalizadora 7	Início basicamente de duas formas com uma harmonização inicial e depois com as danças e eventualmente com algum trabalho de consciência corporal ou começo dançando para depois harmonizar, dançar e trabalhar com consciência corporal e ritmo.
Focalizadora 8	Planejamento da roda: Me coloco a disposição do universo p/que me intua o q dançar, sempre observando a caminhada de cada pessoa da roda...Também vejo algum assunto a ser abordado. Gosto de diversificar as origens das danças sempre contemplando

	a presença de uma, no mínimo, tradicional. (que são os pilares das Danças Circulares Sagradas). Preparação para a roda: Me alinho com os meus mestres ascencionados pedindo proteção na condução da roda. Abertura da roda :Fala inicial da abertura da roda :agradeço ao universo pelas presenças ,físicas e dos mestres q nos acompanham ,e oportunidades de crescimento, proponho 1 respiração profunda com o objetivo de trazer a consciência p/o aqui e agora,faço breve histórico das DCS, se houver integrante q ñ conheça.A seguir, informo detalhes de qual será a primeira dança, mostro os passos e o grupo repete até que se sintam seguras .coloço a música e DANÇAMOS !depois de cada dança ficamos alguns segundos em reflexão a fim de absorver a energia geradaassim vamos até o encerramento. Que é sempre com 1 dança introspectiva ou um mantra. Nos abraçamos, ainda no círculo, agradecemos novamente ao universo pelas vivências... a palavra está sempre a disposição de quem quiser fazer uso...temos o beijo circular, enviamos a energia concentrada no fogo para o universo e assim está encerrada a nossa roda.
--	---

Em relação a terceira pergunta, nota-se que três Focalizadoras evidenciaram seus discursos nas metodologias que empregavam e cinco Focalizadoras preferiram um foco mais curricular.

Tabela 3: Entrevistas - Você já recebeu alguém interessado em participar dos grupos de Dança Circulares Sagradas, que se identifique com o sexo feminino, mas não tenho nascido mulher? Se sim, como você reagiu à esta situação? Se não, explique se é possível a participação deste público nos grupos?	
Focalizadora 1	Sim, já recebemos e este tipo de participação é muito bem vista. A roda é muito acolhedora e diversificada.
Focalizadora 2	Já recebi diversas pessoas na roda, muitos gays, lésbicas, mas nada tão específico, porque não tem esta abordagem, a pessoa veio dançar e pronto está na roda, sendo quem ela for. Eu não faço uns questionamentos para as pessoas participarem, ao contrário, vem quem quer. A dança circular tem este preceito, da diversidade, do acolhimento.
Focalizadora 3	Sim
Focalizadora 4	Não. A dança de roda, intitulada dança circular é uma prática de inclusão, de resgate de comunidade, portanto qualquer pessoa pode participar.
Focalizadora 5	Não.sem problemas a dança é inclusiva, para todos.
Focalizadora 6	Sim, já recebi, sem qualquer problema. As danças circulares são inclusivas. Apesar da minha roda ser composta de mulheres apenas, todos são bem-vindos e eventualmente recebemos visitas que são acolhidas amorosamente.

Focalizadora 7	Nunca recebi mas acho totalmente possível a participação pois é apenas mais uma pessoa para ser incluída no grupos com todo o seu potencial de troca e crescimento.
Focalizadora 8	Nas DCS não existe exigência de Gênero.....Todas as pessoas são bem-vindas. Já tive homossexuais na roda sem nenhum constrangimento...O que importa é a intenção das pessoas e não a sua condição de gênero.

Essa percepção para a tolerância, que reapareceu em diversos discursos, principalmente ao perguntarmos às Focalizadoras se as mesmas já haviam recebido alguém interessado em participar dos grupos, que se identificasse com o sexo feminino, mas não tivesse nascido mulher.

Para uma das Focalizadoras “a roda é muito acolhedora e diversificada” e outra conta-nos que, apesar de já ter recebido “diversas pessoas na roda, muitos gays, lésbicas”, nunca teve entre os participantes de seu grupo “nada tão específico”, e justifica: “porque não tem esta abordagem, a pessoa veio dançar e pronto está na roda, sendo quem ela for. Eu não faço uns questionamentos para as pessoas participarem, ao contrário, vem quem quer. A dança circular tem este preceito, da diversidade, do acolhimento. ”.

Se, “a dança de roda, intitulada dança circular é uma prática de inclusão, de resgate de comunidade”, portanto qualquer pessoa pode participar e “a dança é inclusiva, para todos”, conforme nos asseguraram em seus depoimentos todas as oito Focalizadoras quando questionados, se acreditavam que esta prática poderia/ deveria incluir pessoas transexuais? Apenas metade deles afirmou já ter recebido estas pessoas em seus grupos.

Uma das Focalizadoras nos contou também que: “Nunca recebi mas acho totalmente possível a participação pois é apenas mais uma pessoa para ser incluída nos grupos com o seu potencial de troca e crescimento”.

No quinto momento quando questionadas sobre a inclusão de um público diverso nas Danças Circulares, as respostas apareceram de forma unânime, afirmando assim que todas as pessoas estão incluídas nesse trabalho.

Gráfico 2: Entrevista – Você acredita que esse tipo de trabalho pode incluir essas pessoas?

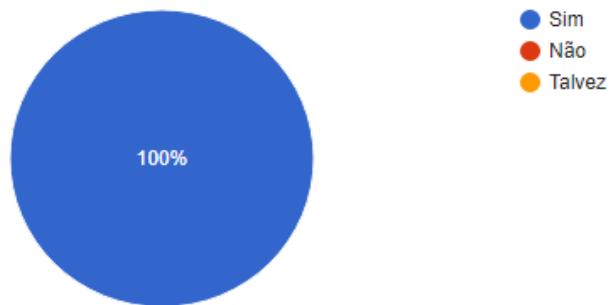


Tabela 4: Entrevistas - Quais adequações seriam necessárias no trabalho/abordagem das Danças Circulares Sagradas para atender este público?	
Focalizadora 1	Acredito que nenhuma adequação. As danças circulares, por si só, já permitem que todos os participantes acessem as conexões necessárias a sua evolução pessoal.
Focalizadora 2	Na verdade acho que nenhuma adequação, porque as danças não tem uma abordagem específica de gênero, elas são feitas por e para todos. Já fiz danças de feminino com homens e de masculino com mulheres. Não tem um repertório que se aplicaria ou direcionaria para este público, é igual aos outros. As diferenças que fazemos normalmente é para público infantil de seis anos pra menos, que são mais rodas cantadas e trabalham mais ludicidade e tb para idosos com mais dificuldade de movimento que adaptamos as danças para simplificá-las , mas para o público em geral o repertório e as escolhas das danças vão muito do grupo que se forma, dos gostos e possibilidades daquele grupo.
Focalizadora 3	Nenhuma
Focalizadora 4	A abordagem adequada é aquela que acolhe pessoas independente de sua forma ou escolhas, fazendo-a sentir-se parte da reconstrução de valores humanos.
Focalizadora 5	Basta entrar numa roda...
Focalizadora 6	Não é necessário adequar nada.
Focalizadora 7	Nenhuma por que o trabalho com as Danças Circulares Sagradas é para qualquer tipo de pessoa. As adequações necessárias são feitas em relação à faixa etária (crianças, adolescentes, adultos e idosos)
Focalizadora 8	Nenhuma.....porque isso não faz parte das DCS.

Já ao responderem sobre as adequações que seriam necessárias no trabalho com as Danças Circulares Sagradas foi possível perceber que para as focalizadoras não teria nenhuma modificação. Diferente de um olhar pedagógico onde entende-se que toda turma e todo aluno é diferente e precisamos estar atendo a isso, pois às vezes uma dinâmica pode vir a causar algum desconforto desnecessário.

Em relação as Danças Circulares Sagradas com o Sagrado Feminino os entrevistados nos disseram que “algumas danças circulares podem ser mais direcionadas ao trabalho com o sagrado feminino, mas não de maneira geral. Os homens da roda podem acessar o seu sagrado masculino ou feminino com determinadas danças circulares. As mulheres também. Tudo depende da música, da coreografia e da intenção da Focalizadora”, que “a relação acontece na busca do resgate ancestral, juntamente com a energia feminina” e que “tem várias relações tanto com o resgate ancestral da energia feminina, quanto em relação aos ciclos da natureza, como energia de cura e com a geometria sagrada relacionada ao círculo”.

Já ao responderem sobre o tema Sagrado Feminino nas rodas de Danças Circulares Sagradas, das oito focalizadoras, apenas seis afirmaram que trabalhavam com o conceito enquanto as outras duas não.

Gráfico 3: Entrevistas - Você já trabalhou com o tema Sagrado Feminino nas rodas de Danças Circulares Sagradas?

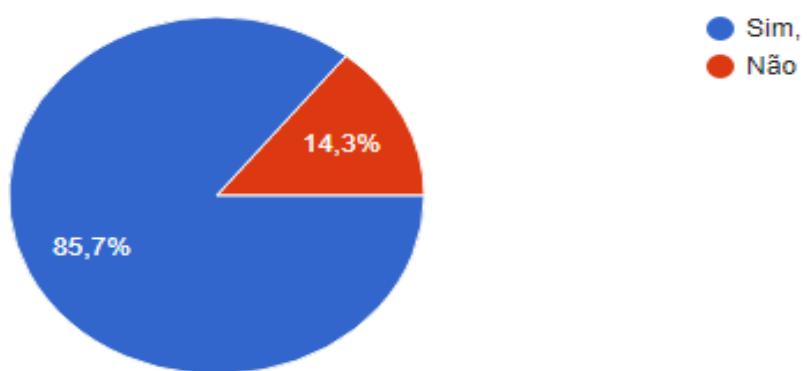


Tabela 5: Entrevistas - Você acredita que o Sagrado Feminino pode ser trabalhado com um público diverso? Explique.	
Focalizadora 1	Sim. Todos temos o sagrado feminino e o sagrado masculino em nossas personalidades...
Focalizadora 2	Acho que pode sim, desde que este público diverso esteja em sintonia, o trabalho da dança é muito sutil.
Focalizadora 3	Sim pelo simples fato deste tipo de dança ser essencialmente inclusivo
Focalizadora 4	Sim, a energia feminina está manifesta na natureza, nos mitos, na cultura, em todos os cantos. É necessário invocá-la para que todos possam reconhecer em si seus benefícios, seus potenciais de cura.
Focalizadora 5	Sim, podemos ser mulheres, mas todos carregam a energia do feminino dentro de si e aprender a lidar com esta energia é maravilhoso.
Focalizadora 6	Todos nós temos dentro de nós um lado feminino e um lado masculino. No entanto, no meu entender o Sagrado Feminino abrange temas relacionados à mulher e são específicos para este sexo...
Focalizadora 7	Com certeza, pois tem que ser respeitada a autodenominação da pessoa em questão...
Focalizadora 8	Não posso opinar sobre algo que não conheço bem.

Seguindo a entrevista, perguntamos sobre a possibilidade de se trabalhar o Sagrado Feminino com um público diverso? A maioria dos entrevistados afirmou que sim, é possível, já que “todos temos o sagrado feminino e o sagrado masculino em nossas personalidades”, “que a energia feminina está manifesta na natureza, nos mitos, na cultura, em todos os cantos. É necessário invocá-la para que todos possam reconhecer em si seus benefícios, seus potenciais de cura. ”, bem como “todos carregam a energia do feminino dentro de si e aprender a lidar com esta energia é maravilhoso”

Seguindo os questionamentos referentes ao feminino nas Danças Circulares e percebendo e constatando que, as rodas de dança são predominantemente frequentadas por mulheres, pedimos que as Focalizadoras descrevessem socialmente estas participantes. E como esperado, as mais variadas mulheres e os mais diversificados posicionamentos sociais estão presentes nas Danças Circulares Sagradas. São mulheres independentes, mães, em crise emocional, mulheres que priorizam o cuidado do lar, entre tantas outras que circulam também no nosso dia a dia.

Gráfico 4: Entrevistas - Percebendo que a maioria das participantes são mulheres. Como podes descrever socialmente estas mulheres?

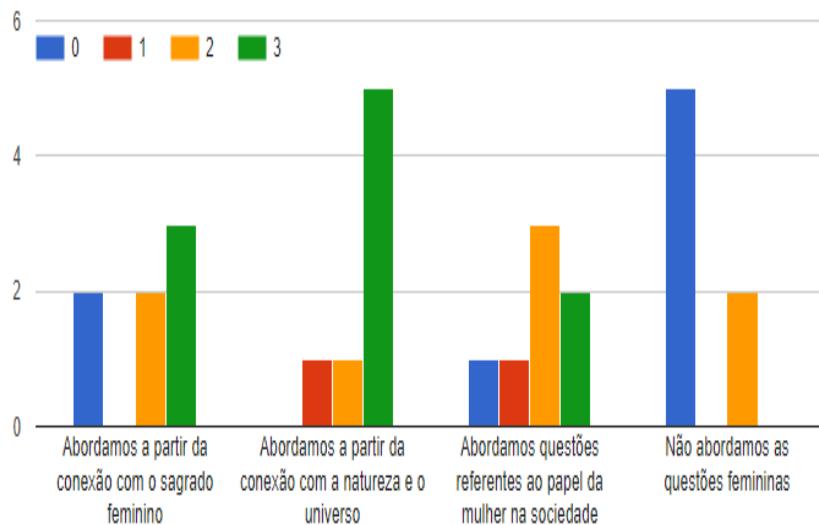


Entre as respostas há a tendência em apontar a variedade deste público feminino, enfatizando que há “pessoas aposentadas, mulheres que querem dançar mas com uma abordagem diferente do apelo fitness, pessoas que se interessam por culturas diferentes”, “mulheres que simplesmente querem dançar em grupo e sem preocupação com performance”, “mulheres independentes que reconhecem a importância da dança e da ancestralidade”, que “acreditam no poder da Dança Circular como forma de crescimento pessoal, de cura para si e para a Terra”, “dos mais diversos níveis sociais. Algumas bem resolvidas, outras que priorizam a família e outras ainda que estão passando por conflitos das mais diversas origens”, “mulheres socialmente ativas, inseridas no mercado de trabalho conscientes do seu papel na sociedade. Preocupadas em não reforçar a discriminação das mulheres e buscando meios de autoconhecimento e transformação da sociedade. Vivem com suas famílias e tem experiências com práticas espirituais.”

Ao serem questionadas como abordavam as questões femininas nas Danças Circulares Sagradas, entre oito Focalizadoras, a maioria afirmou acessar o conceito de feminino “a partir da conexão com a natureza e o universo”, seguidos “da conexão com o sagrado feminino” e por último através de “questões referentes ao papel da mulher na sociedade”. Apenas duas Focalizadoras sugeriram não abordar

ou abordar de forma superficial as questões entendidas como femininas em suas práticas e metodologias.

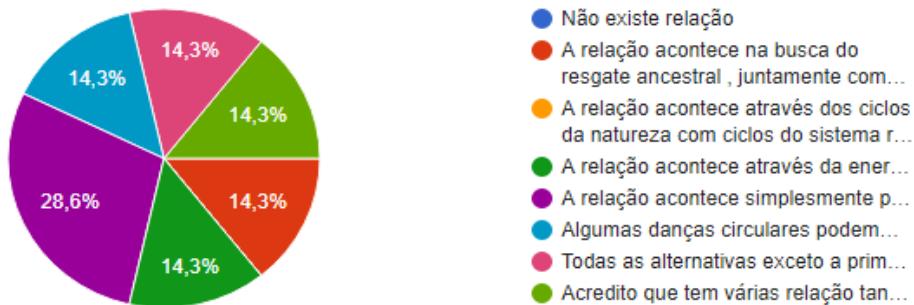
Gráfico 5: Entrevistas - Enumere como são abordadas as questões femininas nas Danças Circulares Sagradas? (Utilizando a escala de 0 a 3)



Sobre a relação das Danças Circulares Sagradas com o Sagrado Feminino as entrevistadas nos disseram que “algumas danças circulares podem ser mais direcionadas ao trabalho com o sagrado feminino, mas não de maneira geral. Os homens da roda podem acessar o seu sagrado masculino ou feminino com determinadas danças circulares. As mulheres também. Tudo depende da música, da coreografia e da intenção do Focalizador”, que “a relação acontece na busca do resgate ancestral, juntamente com a energia feminina” e que “tem várias relações tanto com o resgate ancestral da energia feminina, quanto em relação aos ciclos da natureza, como energia de cura e com a geometria sagrada relacionada ao círculo.”

Já outras afirmaram que essa “relação acontece através da energia curativa e da sabedoria ancestral que os dois pontos trazem” ou que “acontece simplesmente por estar em círculo, buscando por uma boa energia”.

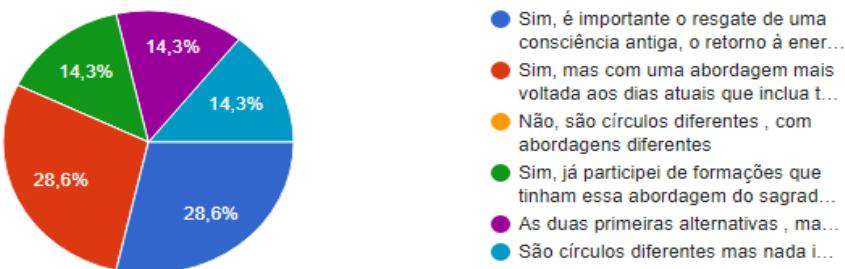
Gráfico 6: Entrevista - Qual é a relação das Danças Circulares Sagradas com o Sagrado feminino?



Para a maioria dos entrevistados é importante trabalhar com os ensinamentos do Sagrado feminino nas Danças Circulares Sagradas, no entanto, apontam ressalvas, quando enfatizam que se deve trabalhar o conteúdo “apenas de forma sutil, em determinadas coreografias”, “com uma abordagem mais voltada aos dias atuais que inclua todas as mulheres”, e “desde que não haja exclusão de ninguém e nem constrangimento por sexo ou gênero”.

É interessante notar quando uma das entrevistadas afirma que “toda dança que valoriza a terra (feminino) e a fecundidade” estabelece uma relação com Sagrado Feminino e afirma que “enquanto dançamos não estamos julgando, nem odiando. Estamos plenas, de corpo e alma, numa geometria sagrada com o propósito de conexão com nossa essência divina, com a fonte criadora do universo e com a mãe terra. E, percebendo sermos parte de um único todo!”.

Gráfico 7: Entrevista - Como Focalizador(a), acreditas que é importante trabalhar com os ensinamentos do Sagrado feminino nas Danças Circulares Sagradas?



4.1 FOCALIZANDO AS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS NA CIDADE DE PELOTAS/RS

Neste momento criamos esse espaço para apresentar o trabalho de Danças Circulares, desenvolvido por uma focalizadora na cidade de Pelotas/RS. Para que possamos compreender de que forma é conduzida as Danças Circulares Sagradas e qual é a relação que se estabelece direta ou indiretamente com o Sagrado Feminino.

A focalizadora entrevistada promove os encontros em espaços variados, como locais fixos ou alternativos e já levou as rodas de Danças Circulares para cursos da universidade como a Terapia Ocupacional e o curso de Dança, da Universidade Federal de Pelotas. Reafirmando através do seu carinho e ensinamentos o poder sagrado das Danças Circulares.

Na imagem abaixo a focalizadora faz um convite para a roda que aconteceria na Biblioteca Pública Pelotense, enfatizando em sua divulgação o quanto as Danças Circulares Sagradas são utilizadas diferentes músicas, que podem ser folclóricas, tradicionais, clássicas ou populares. Contudo sempre com a intenção do sagrado.

Figura 9: roda de dança circular sagrada na Biblioteca Pública Pelotense (BPP).



Fonte: < <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/roda-de-danca-circular-sagrada-na-biblioteca-publica-pelotense/> >. Acesso em: 05 fev 2018.

Nas vivências conduzidas pela focalizadora de Pelotas/RS, é interessante perceber o quanto o papel da focalizadora transcende alguns conceitos preestabelecidos que encontramos em algumas fontes, como na página do projeto de extensão da UFABC, onde refere-se ao trabalho da focalizadora como alguém que tem o papel de ajudar as pessoas.

"O papel de focalizador/a é o de ajudar as pessoas a interagir, a conviver em grupo, a vivenciar as danças numa roda ou círculo, explicando sobre os sentidos das músicas e coreografias escolhidas, ensinando alguns passos que serão dançados coletivamente, assim como acerca da história e da filosofia da dança e das Danças Circulares em particular." (dancacircularufabc -2018 – online)

Ao conhecer não só a metodologia da focalizadora de Pelotas/RS, mas a intensão colocada em cada roda, é notável que o papel da focalizadora é muito mais

abrangente e importante durante a roda, pois existe um compromisso e responsabilidade em manter a energia da roda.

Percebe-se que esta maneira de conduzir o seu trabalho é conectada diretamente com a maneira que ela descreve suas práticas. Onde a própria focalizadora descreve respondendo a entrevista. Como segue na imagem abaixo:

Figura10- Entrevista concedida para esta pesquisa

Planejamento da roda :Me coloco a disposição do universo p/que me intua o q dançar , sempre observando a caminhada de cada pessoa da roda...Também vejo algum assunto a ser abordado .Gosto de diversificar as origens das danças sempre contemplando a presença de uma, no mínimo, tradicional.(que são os pilares das Danças Circulares Sagradas).

Preparação para a roda : Me alinho com os meus mestres ascencionados pedindo proteção na condução da roda.

Abertura da roda :Fala inicial da abertura da roda :agradeço ao universo pelas presenças ,físicas e dos mestres q nos acompanham ,e oportunidades de crescimento, proponho 1 respiração profunda com o objetivo de trazer a consciência p/o aqui e agora,faço breve histórico das DCS, se houver integrante q n̄ conheça.A seguir, informo detalhes de qual será a primeira dança, mostro os passos e o grupo repete até que se sintam seguras .coloço a música e DANÇAMOS !depois de cada dança ficamos alguns segundos em reflexão a fim de absorver a energia geradaassim vamos até o encerramento.Que é sempre com 1 dança introspectiva ou um mantra.Nos abraçamos, ainda no círculo, agradecemos novamente ao universo pelas vivências... a palavra está sempre a disposição de quem quiser fazer uso...Temos o beijo circular , enviamos a energia concentrada no fogo para o universo e assim está encerrada a nossa roda.

Fonte:<https://docs.google.com/forms/d/1Q7x1Cdl5M5CjGFGliDBzwcyEAPfOBeM2PhoBCRGByuY/edit#responses>

(acesso em 12/05/2018)

Sendo que a focalizadora complementa relatando o quanto a comunidade da cidade de Pelotas/RS, recebe com entusiasmo as Danças Circulares, entretanto a permanência não é compatível com a reação inicial.

A focalizadora afirma ainda em entrevista que a maioria das participantes das suas rodas são mulheres socialmente ativas, inseridas no mercado de trabalho e conscientes do seu papel na sociedade. Nas rodas existe uma preocupação por parte das focalizadoras e dançantes em não reforçar a discriminação das mulheres e para isso buscam meios de autoconhecimento e transformação da sociedade onde vivem.

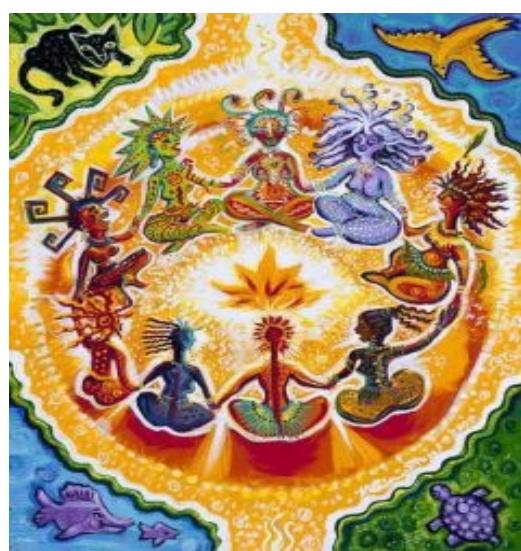
Ainda que a focalizadora tenha respondido que desconhece o conceito de Sagrado Feminino e que nunca trabalhou com essa abordagem, basta um pouco de sensibilidade para perceber a quanto sagrada e feminina são as rodas conduzidas por essa focalizadora e assim reforçando a ideia de um trabalho com o sagrado feminino que vai além dos diálogos entre os ciclos menstruais e as fases da lua.

Desta forma a focalizadora finaliza a entrevista dizendo que: “enquanto dançamos não estamos julgando, nem odiando. Estamos plenas, de corpo e alma, numa geometria sagrada com o propósito de conexão com nossa essência divina, com a fonte criadora do universo e com a mãe terra. ”.

4.2 AS DANÇANTES SAGRADAS NA RODA

Entendendo a importância de escutar as dançantes foi realizada uma breve entrevista com duas das praticantes das danças circulares de Pelotas/RS. As dançantes estão participando a menos de um ano e consideram-se pessoas que tem uma conexão com a natureza e encontram-se em busca do resgate da energia feminina. As dançantes ainda responderam que entendem que a mulher é um ser sagrado quando honra sua feminilidade e seus ciclos femininos.

Figura 11 – Imagem ilustrativa do círculo do Sagrado Feminino



Fonte: <https://medium.com/@patrciarossetti/sagrado-feminino-e-feminismo-s%C3%A3o-rivais-68af91ba5c26> (acesso em 02/05/2018)

Ao serem questionadas sobre a existência da relação das Danças Circulares Sagradas com o Sagrado Feminino, as dançantes destacam que a relação acontece através da energia curativa e da sabedoria ancestral que os dois pontos trazem. E ainda sobre a importância dos conceitos trabalhados, as dançantes afirmam que é crucial para uma sociedade que respeita a força e sabedoria das mulheres, entender e resgatar os vínculos de cura, afeto e escuta que são experienciados através de círculos que cultuam o sagrado feminino.

As dançantes entrevistadas já tiveram experiências com o sagrado feminino e sentiram que é sempre um círculo de acolhimento, uma geração de um espaço de amor, atenção, cuidado e revisão de tudo o que não nos faz bem. São momentos de muito crescimento pessoal, social, e partilha de emoções. Finalizando as dançantes sentem a roda como um momento que ajuda na liberação das emoções silenciadas, despertando algo natural e verdadeiro, percebendo que a roda propicia um encontro com a vulnerabilidade e a força feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante chegar nesse momento e perceber que, quando o tema desta pesquisa foi proposto, já existia uma hipótese pré-concebida para o problema. Devido ao raso conhecimento sobre o tema, acreditava-se que o Sagrado Feminino não trabalhava com a política de inclusão e ia de encontro à filosofia das Danças Circulares Sagradas. Dada esta inquietude íntima e a alguns exemplos comerciais, que vendem os círculos do Sagrado Feminino como algo que enaltece os ciclos femininos reforçando uma ideia de identidade feminina a partir do útero, acreditamos que ao final deste estudo foi possível retratar com clareza como essas questões são abordadas nos círculos.

Com esta ideia levantada inicialmente, entendia-se que os círculos sagrados femininos eram altamente excludentes, pois transpareciam um conceito onde as mulheres participantes precisam do útero e da fertilidade, sendo estes pré-requisitos para a participação dos mesmos, onde a característica mais relevante era sua potencialidade de gerar/dar a vida e produzir sementes, atribuindo essas qualidades à força da mãe natureza.

No entanto, as vivências, os estudos teóricos e, principalmente, o diálogo no decorrer da pesquisa, foram amadurecendo novas ideias e, aos poucos, coube a nós perceber e entender as construções em torno deste conceito de Sagrado Feminino. Isso acabou por expor a nossa noção errada do entendimento deste Sagrado Feminino e nossa visão estreita da noção de Fertilidade. Ficou evidente que o conceito de fertilidade associado ao Sagrado Feminino era, na verdade, uma fertilidade mais ampla, uma fertilidade conceitual, entendendo naquele momento a fertilidade não só como o ato de gerar vida, mas também o ato de gerar “Arte”, “Conhecimento”, “Vida”. Gerar coisas “Positivas”, “Negativas”, gerar “Paz”, gerar “Harmonia”, enfim, toda criação é fertilidade. Usando versos de um clichê, onde se entende que a vida está completa quando “se tem um filho, se planta uma árvore e se escreve um livro”, é admissível compreender que esses três itens caibam no conceito de fertilidade, pois são criações, atos dedicados a criar.

Fica evidente nestas considerações finais que o raciocínio da sociedade, e nosso também, de que a noção do Sagrado Feminino está intimamente ligada ao conceito histórico e cultural do que é feminino. Nessa visão tivemos que, primeiramente, entender o que é o feminino e perceber que historicamente o conceito estava relacionado ao fato de nascer mulher. Em nossos dias atuais, existem diversas frentes de entendimento do que é feminino, do que é sentir-se mulher. Temos que compreender que, neste contexto atual, o sentir-se mulher não é meramente ter útero, ter ciclos menstruais, e é sim, sentir-se/ perceber-se mulher, sentir algo interno que assim nos tornem mulheres. Partindo dessa nova conceituação de mulher, fica fácil entender o conceito amplo da fertilidade, fica evidente perceber que as rodas de Dança Circular e o Sagrado Feminino, são para todas, todos e todes e que não há diferenciação. Todos são férteis, todos geram.

Em relação às entrevistas, fica evidente a identificação das Danças Circulares Sagradas com o conceito e sensação de conexão, na questão “O que significa as danças circulares para ti?”, todas as respostas dos Focalizadores em algum momento traziam o vocábulo “conexão”, evidenciando o sentido e a sensação, no momento da dança, do sagrado; da sacralidade. Ainda em relação às entrevistas, pode-se perceber uma certa elitização dos participantes, em sua maioria, senhoras de meia – idade, com uma condição social e financeira estável; entendemos que cabe, ao professor de Dança, trabalhar no sentido de expandir o alcance das Danças Circulares para os redutos mais distantes; tanto geográfica quanto socialmente falando. Entendemos que o professor de Dança deve se apropriar deste conhecimento e leva-lo aos espaços de educação não-formal e distribui-lo, parecendo que, principalmente em comunidades carentes, esse sentimento e ideia de conexão; conexão consigo mesmo, com os outros, com suas realidades; seria de grande valia para estas comunidades e suas interrelações sociais.

Desta forma, compreendemos que o corpo, mais especificamente o corpo feminino, que vivencia as Danças Circulares Sagradas, torna-se Templo e efetiva a comunicação, a expressão e a conexão com o mundo de uma forma muito particular. Percebemos, através das vivências em círculos de mulheres, como podemos despertar nossos dons e regressarmos à nossa essência, criando individualmente e coletivamente um mundo justo, igualitário e amoroso, nos conectando com o universo e, mais importante, com as coisas e seres ao redor, através da dança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEIRO, Cristina. **O legado das Deusas**. São Paulo: Pólem, 2014.

BARCELLOS, Janete Teresinha da Silva. **Danças circulares sagradas: pedagogia da presença, do ritmo, da escuta e olhar sensível**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2012.

BARTON, Ana. **Danças Circulares: dançando o caminho Sagrado**. São Paulo: TRIOM, 2006.

_____. **Espírito da dança. Volumes I e II**. São Paulo: TRIOM, 1995.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. Tradução de Silvia Mazza. 5^a ed. Perspectiva: São Paulo, 2012

BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BUYTENDIJK, F.J.J- Tradução Teófilo Alves. **A Mulher**. Pelotas: Editora e Gráfica, universitária / UFPel, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Dar cuenta de sí mismo. Violencia ética y responsabilidad**. Buenos Aires: Amorrotu, 2009 [2005].

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CASTRO, Fabio Fonseca de, COSTA, Lucivaldo Baía. **Dança, identidade, universalidade: as danças circulares no grupo Mana-Maní**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 14, n. 27, jan./jul. 2015 Disponível em < <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/3188/2152>>. Acesso em 25 de março de 2018.

COLLING, Ana Maria. **Tempos Diferentes, Discursos Iguais**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

COSTA, Valcicleia Pereira da Costa. **O “Daimon” de Sócrates: conselho divino ou reflexão?**. Disponível em: < <http://www.puc-rio.br/partners/sbp/pdf/14-valcicleia.pdf>> Acesso em 21/02/2018.

COSTEIRA, Osiris. **Wosien, o bailarino das danças circulares sagradas in Terapia de Caminhos.** Sexta, 6 / 04 / 118 - Ano IV - nº 10 (38) - Setembro de 2010. Disponível em < <http://www.terapiadecaminhos.com.br/historia05-10.htm>>. Acesso em 28 de março de 2018.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANCISCO, Felipe Magalhães. **Sagrado, religiosidade e crença: diálogos sobre religião.** 20/01/2017. DOM TOTAL. Site. Disponível em: <<http://domtotal.com/noticia/1117950/2017/02/sagrado-religiosidade-e-crenca-dialogos-sobre-religiao/>> Acesso em 21/02/2018.

GAIA, Andrea Schiavi Do Matri. **Sagrado Feminino, os riscos para as rodas de mulheres.** 15/08/2016. Geledes. Site. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sagrado-feminino-os-riscos-para-as-rodas-de-mulheres/>> Acesso em 12/02/2018.

GARCIA, Anselmo. **As mulheres nas religiões.** 22/08/2015. Jornal Opinião. Site. Disponível em: <<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/anselmo-borges/interior/as-mulheres-nas-religoes-4740730.html>>. Acesso em: 5 jan 2018.

GILBERT, Elizabeth. Alimentando a criatividade. 20/01/2017. **Youtube**, Fev. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/elizabeth_gilbert_on_genius?language=pt-br> Acesso em 21/02/2018.

GUERRA, Maria Helena Mandacarú. **A Dança e o Sagrado.** 11/01/2017. Jung na Prática. Site. Disponível em: <<http://www.jungnapratica.com.br/danca-e-o-sagrado/>> Acesso em 02/01/2018.

LAYO, Deva. **Yoni Egg: A pedra filosofal da consciência humana.** Alto Paraiso de Goiás, GO: [s.n], 2017.

LEITE, Álvaro Pantoja. **As Danças Circulares como componente de uma metodologia da formação de professores/as e outros/as profissionais das áreas da Educação, Saúde e Serviço Social.** 25/05/2015. Dança Circular. com. br. Site. Disponível em: <<http://www.dancacircular.com.br/artigos/54/As%20Danças%20Circulares%20como%20componente%20de%20uma%20metodologia%20da%20formação%20de%20professores/as%20e%20outros/as%20profissionais%20das%20áreas%20da%20Educação,%20Saúde%20e%20Serviço%20Social.?idART=54>> Acesso em 02/01/2018.

_____. **Danças Circulares, Educação e Saúde.** 15/08/2012. Dança Circular. com. br. Site. Disponível em: < <http://www.dancacircular.com.br/artigos/12/Danças%20Circulares,%20Educação%20e%20Saúde?idART=12>> Acesso em 02/01/2018.

LIMA, Adriana Silva Guedes de. **Teologia Feminista e a Questão de Gênero: Uma Liberdade religiosa perante o Neopaganismo.** Disponível em: Esta é a versão em html do arquivo <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/ETIC/article/download/4903/4666>.>. Acesso em: 2 mar 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

PARENTE, André in TEMPO- FESTIVAL INTERNACIONAL DE ARTES CÊNICA DO RIO DE JANEIRO. **Liberdade é pouco: diversas faces da liberdade em uma citação-happening.** Disponível em: <<http://tempofestival.com.br/instantaneo/liberdade-e-pouco-diversas-faces-da-liberdade-em-uma-citacao-happening-exposicao/>>. Acesso em: 12 de Mar. 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. Revista Estudos Feministas, v.17: 159-189, Florianópolis, 2009. ROSADO, Maria José. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões.** Cad. Pagu [online]. 2001, n.16, pp.79-96. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100005>>. Acesso em: 01 de Fev. 2018.

RONDINELLI, Paula. **Danças circulares sagradas.** Brasil Escola. Site. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/dancas-circulares-sagradas.htm>>. Acesso em 28 de mar de 2018.

SPITZCOVSKY, Débora. **As hiper mulheres: Documentário Retrata Ritual Indígena Feminino** in Polifona Periférica. Site. Disponível em: <<http://www.polifoniaperiferica.com.br/2014/03/as-hiper-mulheres-documentario-retrata-ritual-indigena-feminino/>>. Acesso em: 12 fev 2018.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum: Para Todas, Todes e Todos.** 2º ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VILELLA, Franklin Moreira. **O Sagrado- seu significado e sua presença na obra de Paulo Freire “Educação como prática de liberdade”.** Revista da Educação. Guarulhos, SP: I (1): 05-17, 2006. Disponível em: <

revistas.ung.br/index.php/educacao/article/download/9/11. Acesso em: 03 de Fev. 2018.

WANDERMUREM, Marli. **O corpo na fronteira do sagrado e profano: a construção ética da corporeidade através da história** in Maiêut. dig. R. Fil. Ci. Afins, v. 1, n. 2/3, Salvador: set. 2006/abr. 2007. p. 177-195.

WOSIEN, Maria Gabriele. **Dança Sagrada: Deuses, Mitos e Ciclos**. São Paulo: TRIOM, 2002.

APÊNDICE

Apêndice I – Termo de autorização de uso de imagens e depoimentos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora Responsável:

Instituição: Centre de Artes – Curso de Dança – Licenciatura – Universidade Federal de Pelotas

Endereço: Rua Alberto Rosa, 62

Telefone:

Concordo em participar do estudo: **Danças Circulares e o Sagrado Feminino: Reflexões a partir de uma abordagem sócio-cultural.** Estou ciente de que estou sendo convidada a participar voluntariamente do mesmo

PROCEDIMENTOS: Fui informada de que o objetivo do estudo é refletir sobre o dialogo entre as Danças Circulares e o Sagrado Feminino, dentro de uma perspectiva feminista e histórica.

RISCOS E POSSIVEIS REAÇÕES: Fui informada que os riscos são inexistentes porque apenas terei que responder algumas perguntas, o que não comprometerá a minha saúde.

BENEFICIOS: O benefício direto de participar da pesquisa relaciona-se ao fato de que terei a oportunidade de refletir sobre minha prática docente e compartilhar minhas vivencias. Os benefícios indiretos relacionam-se ao fato de que os resultados fornecerão informações importante para penar uma abordagem inclusiva no trabalho das Danças Circulares e o Sagrado Feminino.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTARIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interromper-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. A Pesquisadora do estudo responderá, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome _____ do _____ Participante: _____

Identidade: _____

Assinatura: _____ Data: _____ / _____ / _____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA PESQUISADORA: Explique a natureza dos objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. A Participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem nenhuma imposição, assinar esse consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e coletados para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato através do endereço e telefone supracitados ou através do e-mail:

ASSINATURA

DA

PESQUISADORA

RESPONSÁVEL:

ANEXOS